



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE IGUATU
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM FÍSICA PLENA**

RAIMUNDO BEZERRA DA SILVA NETO

**OS LIMITES ENTRE O ENSINO RELIGIOSO E O ENSINO DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA NO ENSINO REGULAR PÚBLICO**

**IGUATU – CE
2015**

RAIMUNDO BEZERRA DA SILVA NETO

**OS LIMITES ENTRE O ENSINO RELIGIOSO E O ENSINO DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA NO ENSINO REGULAR PÚBLICO.**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Física da Faculdade de Educação,
Ciências e Letras de Iguatu, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Física.

Orientador: Prof. Dr. Celio Rodrigues Muniz

IGUATU-2015

N4691

Silva Neto, Raimundo Bezerra da.

Os limites entre o ensino religioso e o ensino de ciências da natureza no ensino regular público. / Raimundo Bezerra da Silva Neto. [Orientado por] Célio Rodrigues Muniz. – Iguatu, 2015.

62 p.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Ceará, Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Física, Iguatu, 2015.

Ciência 2. Ensino 3 Religião
I. Muniz, Célio Rodrigues (Orient.) II. Universidade Estadual do Ceará – UECE – Graduação (Licenciatura) em Física
III. Título

CDD: 215

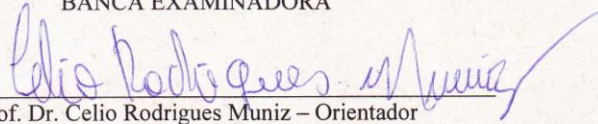
RAIMUNDO BEZERRA DA SILVA NETO

OS LIMITES ENTRE O ENSINO RELIGIOSO E O ENSINO DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA NO ENSINO REGULAR PÚBLICO

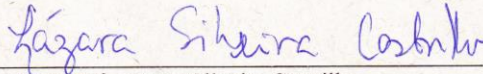
Monografia submetida à Coordenação do
Curso de Licenciatura Plena em Física, da
Universidade Estadual do Ceará – UECE,
Faculdade de Educação, Ciências e Letras
de Iguatu – FECLI, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Física.

Aprovada em: 29 de abril 2015

BANCA EXAMINADORA



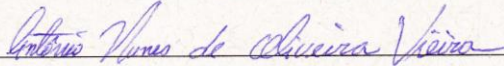
Prof. Dr. Celio Rodrigues Muniz – Orientador
Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu- FECLI
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr^a. Lazara Silveira Castrillo
Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu- FECLI
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Me. Italo Pereira Bezerra
Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu- FECLI
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Me. Antônio Nunes de Oliveira Vieira
Instituto Federal do Ceará – IFCE/Sobral

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família por toda confiança e dedicação a mim destinada.

Agradeço a minha noiva Estephany por todo incentivo, companheirismo, amor incondicional e apoio.

Agradeço aos meus professores pelo empenho na introdução do conhecimento, pelo esforço na minha jornada, e por estímulo que me atribuíram.

Agradeço a meus colegas pelo apoio e amizade, em especial, a Lucas Cavalcante, Wellington Amorim e Regivanio Cazuza.

Agradeço a meu orientador Celio Muniz por toda sabedoria transmitida, e por lições das quais me mostrou o quão importante um Físico é.

Agradeço ao professor Leonardo por toda segurança passada, por me ajudar as vezes até de madrugada, e por ser um exemplo de professor.

Agradeço também a existência de uma energia primordial, da qual permitiu ao longo dos milênios a criação do tudo, inclusive de mim.

DEDICATÓRIA

“Dedico esta monografia a minha mãe Iracema a mulher mais sublime e guerreira que pude ver, responsável pela minha existência neste mundo, e por minha permanência neste curso, por todo heroísmo e todo amor que ela carrega consigo.

RESUMO

Este trabalho trata da problemática que envolve o ensino religioso brasileiro e a formação científica, bem como a relação entre os dois. É uma busca por um consenso de ideias que encontrem soluções para os problemas analisados. Dentre os objetivos principais estão: encontrar os limites entre o ensino religioso e o científico; uma melhor compreensão sobre o papel do professor de religião na aprendizagem do aluno, e como promover uma melhoria nesta aprendizagem. Para uma melhor compreensão sobre o tema e suas definições utilizei de pesquisas bibliográficas e referências em revistas eletrônicas conceituadas, e de entrevistas com pessoas da sociedade conhecedoras do assunto, como um Padre e um Doutor em Física. Para encontrar as respostas pretendidas, foram analisados vários pontos relacionados aos dois ensinos, observando o papel do professor como instrumento principal de domínio dos conteúdos a serem repassados aos alunos, a fim de se obter respostas sobre essa questão educacional. Conclui-se através do presente estudo que a Ciência e a Religião não devem ser tratadas como ciências opostas, mas sim como complementos uma da outra e para isso, os professores tanto de ciências naturais como de Religião devem procurar mais ensinamentos e técnicas, devem especializar-se cada vez mais, e principalmente compreender a opinião de cada aluno; assim devem-se utilizar conhecimentos de ambas para promoverem a educação do aluno, mas sem agredir ou reprimir nenhuma.

Palavras Chave: Ciência. Ensino. Religião

ABSTRACT

This paper deals with the problem involving the Brazilian religious education and scientific training, and the relationship between them. It is a search for a consensus of ideas to find solutions to the problems analyzed. Among the main objectives are: Find the boundaries between religious education and the scientific one; a better understanding of the religion teacher's role in student learning, and promoting an improvement in this learning. For a better understanding of the topic and its literature searches have used definitions and references in reputable electronic journals, and interviews with people knowledgeable of the subject company, as a priest and a Doctor of Physics. Provide the desired answers, some points about the two teachings were analyzed by observing the teacher's role as the main instrument of the content area to be transferred to students in order to get answers on this educational issue. The conclusion in the present study that science and religion should not be treated as opposing science, but as complements to each other and for this, teachers of both science and religion should seek more teachings and techniques, should especializar- increasingly, and especially to understand the opinion of each student; so you must use both of knowledge to promote the education of the student, but without attacking or counteract any.

Keywords: Science. Education. Religion.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	8
1.0 INTRODUÇÃO	8
CAPITULO II	12
2.0 O ENSINO RELIGIOSO	12
2.1 HISTÓRICO DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL	15
2.2 SECULARIZAÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO	17
2.3 A ESCOLA E O ENSINO RELIGIOSO	19
2.4 OS MODELOS DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL	22
2.5 A ATUAÇÃO DOS EDUCADORES RELIGIOSOS	23
2.6 DIVERSIDADES E DIVERGÊNCIAS DO ENSINO RELIGIOSO	25
2.7 A DIFICULDADE DOS ALUNOS EM DISCERNIR SOBRE O QUE É REAL E IRREAL NO ENSINO RELIGIOSO	29
CAPITULO III	31
3.0 O ENSINO DE CIÊNCIAS	31
3.1 MOVIMENTO CRIACIONISTA X EVOLUÇÃO	34
3.2 O ENSINO - APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS	37
CAPITULO IV	41
4.0 RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DE CIÊNCIAS E O RELIGIOSO	41
4.1 A OPINIÃO DE UM PADRE SOBRE O ASSUNTO	48
4.2 A VISÃO DE UM CIENTISTA DOUTOR EM FÍSICA	51
4.3 RELAÇÃO ENTRE OS PONTOS DE VISTAS	55
CAPITULO V	56
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	58

CAPÍTULO I

1.0 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, Religião e Ciência estão em profunda contradição acerca de muitos aspectos, os quais são de suma importância para o entendimento da realidade, e a concepção que cada um possui quando são levados a alunos de ensino fundamental e médio torna a sua compreensão ainda mais difícil. O maior problema é que na adolescência o aluno começa a formar opinião e obter os entendimentos sobre a vida; a expressão "crise de Identidade" foi apresentada por Erikson (1976), um teórico da psicologia, para explicar o momento de incerteza quanto as mudanças que se fazem presentes na adolescência. É nesse período que se deve ter mais atenção com aquilo que é ensinado, pois posteriormente o indivíduo já estará com a mente formada e assimilada em relação àquilo que lhe foi passado, e mesmo que tentem colocar novas ideias, aquelas que foram obtidas nesse período de "crise de identidade" são mais fixadas, e se forem mal repassadas irão prejudicá-lo socialmente.

O Ensino Religioso participa da trajetória da educação nacional desde o Brasil Colônia, onde se via uma imposição maior pelos órgãos governamentais, que no caso tratava-se da Corte Portuguesa, que através de seus jesuítas procurava passar ensinamentos religiosos para os habitantes que aqui viviam, procurando transmitir os princípios da cultura Portuguesa e principalmente do Catolicismo através das relações estabelecidas entre o Estado e a Igreja. Com o passar do tempo essa história vem mudando, já que as religiões foram se pluralizando e, assim, tornou-se necessário uma maior preocupação com os dogmas religiosos repassados nas escolas, para que estes não influenciassem nas decisões de qual Religião seguir, conseqüentemente hoje o nosso País é a princípio um Estado laico, sem Religião definida.

A Ciência é amplamente inserida no contexto educacional, muitos são os conceitos sobre ciências, e por isso ela possui uma posição privilegiada na

sociedade, quando teorias, técnicas, produtos são baseados na ciência, estes são amplamente aceitos e seguidos; normalmente devido a sua atividade empírica, baseada em experimentos e conduzida pela construção de hipóteses que serão lapidadas posteriormente havendo a eliminação dos erros, como afirma Popper:

“Nosso conhecimento consiste, em cada momento, daquelas hipóteses que mostraram sua (relativa) adaptação, por terem até então sobrevivido em sua luta pela existência, uma luta competitiva que elimina as hipóteses não-adaptadas. (POPPER,1972)”

Também muitas são as contradições e dúvidas, como no caso da teoria do surgimento do Universo, onde várias vertentes são colocadas e opiniões opostas surgem, provocando dúvidas até nos grandes intelectuais, como o que diz químico alemão Walter Nernst (1864 - 1941), defendendo que a Ciência, por definição, exige um universo infinito; logo, a teoria do Big Bang, afirmou, não é Ciência (WEIZSÄCKER 1964, 151) esta teoria discorre sobre o início do Universo, proposta em 1946 por George Gamow, e estudada por diversos cientistas como o físico inglês Stephen Hawking na qual Gamow afirmava que toda matéria está concentrada em um “único ponto de densidade e temperatura infinitas” (HAWKING, 1998), com elevadíssima energia, o que causou a “grande explosão” chamada por ele de “Big Bang”. Havendo outra restrição proposta por Nernst quando diz que a Ciência não pode envolver juízos morais, ou juízos de valor em geral. Portanto, percebe-se que podem haver vários conceitos para Ciência e ela pode definir várias atividades diferentes.

Autores lançam suas teorias e confrontam entre si; na sala de aula, o professor tem o papel de iluminar a mente dos alunos ajudando-os a elucidar os conhecimentos. Por muitas vezes o aluno recebe uma informação nas disciplinas de ciências da natureza e posteriormente outra teoricamente contrária na disciplina religiosa, que apesar de não estarem querendo explicar as mesmas coisas, faz com que o aluno se limite a entender apenas um ponto de vista, isso porque muitas vezes os educadores fogem do seu objetivo principal de lecionar e acabam

querendo ser influenciadores de opinião, com imposições sobre o tema, sem deixar que o aluno reflita e o compreenda melhor.

Os educadores precisam ter discernimento e compreensão de que as duas áreas são distintas, e mesmo que às vezes conflitem entre si, precisa-se chegar a um consenso do que realmente é importante, repassar os conteúdos a fim de que os alunos obtenham conhecimentos novos e a partir daí tomem suas próprias decisões, sem pressioná-los com discursos autoritários tentando induzi-los a seguir ou não determinada seita.

Este tipo de situação não é restrito apenas à Educação, é bastante presente também no campo da medicina onde a Religiosidade e Ciência se confundem em muitos momentos no fim da vida, revertendo-se na cura ou na morte do paciente (SAVIOLI: 2006). A cura passa a ser interpretada por dois caminhos de Verdade (BRONOWSKI: 1990, p. 51): “da fé ou da Ciência”. Essa dualidade que aparentemente nunca deixará de existir.

Percebe-se ao se falar em Religião e Ciência que são duas ideias opostas as quais se confrontam em vários pontos; uma trata de uma filosofia de vida, uma questão ética e social que é baseada na mitologia daqueles que a escreveram, enquanto a outra é baseada em cálculos, teorias e experimentos. Isso torna sua compreensão confusa, e a própria Bíblia já falava simbolicamente do conflito de conceitos:

"Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro." (BÍBLIA).

Para que haja uma melhor compreensão é necessário saber o que essencialmente deve ser repassado, e como devem ser colocados aos alunos para que os mesmos consigam entender o real sentido das aulas. No mundo atual é necessário ter discernimento para entender o que realmente diz a Bíblia, e conhecimento para melhor compreender a Ciência. Historicamente muitos morreram por não conseguir relacionar as duas, mas vale lembrar que elas nunca tiveram o objetivo de responder as mesmas perguntas.

A escolha do tema para o seguinte trabalho foi pautada na importância que o ensino científico e o ensino religioso possuem para a formação acadêmica e cidadã, de tal modo que se vê a necessidade de transparecer a importância da justaposição

destes a fim de diminuir os paradigmas e preconceitos existentes na atual sociedade.

Encontrar os limites entre o ensino religioso e o científico; uma melhor compreensão sobre o papel do professor de Religião na aprendizagem do aluno, e como promover uma melhoria nesta aprendizagem são os objetivos principais da realização deste trabalho, sendo que esta abordagem promove a abertura de outras questões as quais serão as bases para solucionar os objetivos específicos, tais como: compreender melhor o papel do ensino religioso na educação e demonstrar que este não influi negativamente no ensino científico. As dificuldades dos professores de Religião em serem totalmente laicos, a dificuldade dos professores de ciências em não negativarem a Religião, a dificuldade dos alunos em discernir sobre o que é real e irreal no ensino religioso, a problemática da inserção de diferentes conteúdos no ensino de Religião para suprir a diversidade de religiões existentes e não promover discriminação com nenhuma delas.

Para uma melhor compreensão sobre o tema e suas definições utilizei de pesquisas bibliográficas e referências em revistas eletrônicas conceituadas, e de entrevistas com pessoas da sociedade conhecedoras do assunto, como um Padre e um professor doutor em Física.

CAPITULO II

2.0 O ENSINO RELIGIOSO

A Religião foi durante muitos anos uma fonte de conflitos; seus conceitos divergiram durante séculos e guerras foram travadas por discutirem apenas parágrafos. Mas afinal o que é Religião?

Maduro (1983) trata da Religião como uma essência que pode ser justificada por tipos influências que afetam a vida das pessoas agindo sobre suas ações e palavras, modificando seus pensamentos e definindo as práticas sociais de cada ser humano que utiliza os ensinamentos da Religião.

“Religião é uma estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referentes a algumas forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) tidas pelos crentes como anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social”.

MADURO (1983.p.31)

Já para Alves a Religião é uma espécie de rede de símbolos que serve de escudo contra aquilo que nos incomoda e nos retrai, e é através dela que o homem se fortalece, se engrandece, serve de incentivo e motivação.

A religião nasce com o poder que os homens têm de dar **nomes às coisas**, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. E esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços construindo, com seu auxílio uma abóbada sagrada com que recobrem o mundo. Por quê? Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e escuro. Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e

constrói diques contra o caos. (ALVES,1996: p.19. Grifos do autor)

A partir da promulgação da atual LDB (Lei de diretrizes e bases da Educação) Lei 9394/96, ocorreram muitas mudanças nos parâmetros curriculares, o ensino religioso passou a integrar o currículo como área do conhecimento, suas normas estão contidas no artigo 33 desta Lei. Nesta publicação é assegurado o direito à livre escolha, a diversidade cultural e religiosa.

Sendo Ensino Religioso visto como área de conhecimento, será ele mais um importante espaço de reflexão e formação, onde o educando fomentará interações de diversas áreas de conhecimento, possibilitando assim uma formação integral, ecológica, holística, sistêmica e não mais uma formação fragmentada, dividida em áreas, vinda da escola tecnicista e do cartesianismo da ciência. O Ensino Religioso colabora com a formação integral da pessoa humana. (STIGAR, 2011)

A LDB aponta que uma das funções do Ensino Religioso é a utilização dos temas transversais em suas aulas, ou seja, temas como cultura e sociedade, saúde, responsabilidade social e ambiental, dentre outros, porém determina também que estes temas não são de função exclusiva do ensino religioso, mas também de toda a escola.

Em suas argumentações a LDB proíbe o proselitismo na escola (influência de religiões), porém afirma que isto é um processo trabalhoso que exige grande planejamento escolar, pois não são muitos os conteúdos exclusivos da religião, assim como não há muitos profissionais na área. Sem conteúdos o professor acaba utilizando um ensino confessional, aquele baseado em dogmas cristãos com ensinamentos e rezas, e sem capacidade profissional não têm a experiência necessária para conduzir o ensino de forma laica e propiciando o conhecimento dos alunos.

O artigo 33 da LDB 9394/96 em seus parágrafos 1º e 2º demonstram o papel da Escola em planejar o seu ensino religioso:

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso." (Lei n.º 9.475).

Em 13 de novembro de 2008, no Vaticano foi assinado um acordo entre o Órgão Executivo Nacional e a Santa Sé, que depois de muito ser debatido entre a sociedade brasileira passou a ser matéria de tramitação na Câmara Federal em 13 de março de 2009, recebendo a referência MSC, (Mensagem de Acordos, convênios, tratados e atos internacionais)134/2009, de que o ensino religioso passaria ser componente curricular obrigatório, o que contradiz a LDB que determina um ensino facultativo:

A República Federativa do Brasil, em observância ao direito de liberdade religiosa, da diversidade cultural e da pluralidade confessional do País, respeita a importância do ensino religioso em vista da formação integral da pessoa. §1º. O ensino religioso, católico e de outras confissões religiosas, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, em conformidade com a Constituição e as outras leis vigentes, sem qualquer forma de discriminação. (LDB, art.11)

A escola é a formadora das primeiras relações sociais dos indivíduos. Se eles tiverem um bom preparo escolar, com um convívio de conteúdos que prezem o respeito e a honestidade, sua vida terá mais chances de ser íntegra e humana:

A disciplina de Ensino Religioso oferece aos Educandos elementos significativos para sua formação integral, tendo como eixo curricular as culturas, as religiões, os textos sagrados, as teologias, os ritos e o Ethos, visando a sua formação cultural como também sua formação humana e religiosa, tendo como resultado final uma formação integral do ser humano, holística e sistêmica. Proporcionando assim o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto sócio-cultural da sociedade. (ARTIGONAL, 2009)

Para o oferecimento desta disciplina no currículo do aluno, o professor é a peça principal para a conformidade com o que a lei determina. Ele deve estudar e ensinar todas as tradições religiosas, para evitar alguma exclusão e, neste caso, se algum aluno sentir-se inferiorizado, o educador deve fazer com que o ensino religioso faça parte da vida humanística do aluno e não apenas como uma matéria que precisa ser decorada para uma avaliação e depois esquecida, deve promover a moral nos alunos, deve influenciar as ações que estes promovem na sociedade, buscando cada vez mais melhores princípios éticos e humanos.

2.1 Histórico do ensino religioso no Brasil

O Brasil sempre teve um histórico de país religioso. Isso se dá pelo fato de que os portugueses logo que chegaram implantaram uma política de ensino religioso aos índios pelos Jesuítas. O período colonial foi a base para o que vivemos historicamente, onde os colonizadores impunham suas ideias e valores de forma que estas seriam o melhor para o convívio social, onde todos seguissem a mesma concepção. Houve um acordo entre o rei de Portugal e o Papa para que o povo que habitava o Brasil fosse catequizado. No período Imperial, o catolicismo passou a ser a Religião oficial do Brasil, porém neste período não havia uma imposição da Igreja Católica, já que esta era dominada pelo Estado, para obter as ideologias preferidas por ele. A separação da Igreja com o Estado brasileiro só ocorreu em 1889, com a

Proclamação da República, com isso foi implantada no Brasil pela primeira vez a ideia de liberdade de culto e de reconhecimento das variadas religiões existentes.

O professor Doutor da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) José Maria de Paiva analisa sobre o período de colonização e a relação com a Religião no Brasil que: “O colégio foi certamente outro caminho, não um caminho paralelo, mas expressão instrumental da pregação e conservação da fé. Colégio, educação e fé se imbricavam, não alterando a compreensão que, desde a Idade Média, se tinha dos estudos” (PAIVA 2004, p. 81). Com isto, percebe-se que a Igreja e o Estado eram unidos a fim de atingir seus objetivos, que era converter todos os povos ao cristianismo e, a partir daí, tornarem-se submissos aos comandos políticos da Coroa Portuguesa. Paiva comenta que a Igreja tinha sim forte relação com a Corte:

Do ponto de vista da Companhia de Jesus, atendendo ela às instâncias do rei, cumpria também com sua finalidade: a missão peregrina, sua primeira intuição. Tratava-se de ir ao encontro, de buscar almas para comerciar a salvação, conforme sua espiritualidade mercantil consentânea com os tempos, espiritualidade ativa em contraponto à contemplativa. Sua dedicação ao colégio/educação não consistia trabalho paralelo à missão: fazia-se complemento, no entendimento da época, para a realização da pregação. (PAIVA,2004, p. 83).

Porém esse cenário sofreu mudança nos aspectos religiosos em nosso País, concomitantemente no Ensino Religioso.

2.2 Secularização do Ensino Religioso

O termo secularização tem origem europeia. É uma forma de descentralização do domínio da Religião sobre os aspectos sócio educacionais e também culturais. Foi amplamente discutido por filósofos e sociólogos, como Hegel e Max Weber, abordando os fundamentos e aplicações desse declínio dos ensinamentos e conceitos religiosos.

Durante séculos a Igreja Católica no Brasil era o único meio religioso, não havia escolha de culto e todos seguiam os ensinamentos desta Religião. Porém, em 1808, os portos brasileiros começaram a receber embarcações estadunidenses, alemãs, francesas, inglesas. Esta abertura revolucionou amplamente e em todos os sentidos o andamento da sociedade brasileira, e com a Religião não foi diferente. O catolicismo deixou de ser a única Religião, a partir deste momento chegava ao país o protestantismo e assim entraram novas culturas, novas crenças, que agregaram valores, tornaram o país mais amplo socialmente.

Porém, essa entrada do protestantismo ainda não foi o suficiente para acabar com o domínio religioso do catolicismo. O contexto de dominação da Igreja Católica no Brasil só começou a mudar a partir dos anos 30 com a informação de que o ensino no País se tornaria Laico. Quando em 1931 ocorreu uma devida reformulação nas leis e através do Decreto em 30 de abril de 1931 que afirma a opção de ser facultativo o ensino religioso, também presente a partir da Constituição de 1934, em seu artigo 153.

O ensino religioso será de frequência facultativa e ministrada de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis, e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais.(BRASIL,1934)

Esse processo mesmo sendo considerado ruim para o aspecto religioso, no Brasil não aconteceu de forma rápida e drástica, como na Europa, mas foi

acontecendo de forma pacífica, lenta e harmoniosa entre as partes, e entre a sociedade como um todo.

São várias as interpretações sobre tal fato; muitos consideram um processo necessário e que liberta as pessoas da influência alienadora da Religião. Já outros acham desnecessário e destruidor, já que isto gerou alguns conflitos na sociedade. (MARTELLI, 1995, p. 278).

Essa denominação de ensino facultativo permaneceu até os dias de hoje estando inclusa em todas as Constituições seguintes.

No âmbito educacional, a Religião também era fortemente influenciadora, Até o Primeiro Império era ela quem controlava a educação Brasileira, até que os civis decidiram secularizar o ensino; porém não tinham forças suficientes para dar continuidade a um sistema de educação e sempre procuravam os clérigos para suprirem aulas. O que tornou uma retroação à secularização, pois os cristãos repassavam seus dogmas aos alunos e impunham sua religião, desfazendo o ato de secularização.

Porém, percebe-se que a história do Brasil não pode ser contada sem a Religião, e esta abriga uma gama de influencias e características que definem o perfil do Brasil.

Por isso ainda hoje percebemos a grande influência da Religião no aspecto educacional brasileiro, e assim vemos hoje leis que definem a importância deste ensino para a vida e formação dos cidadãos. Conforme o artigo 33 da LDB (Lei de Diretrizes e Base) n. 9.475, de junho de 1997, o Ensino Religioso passou a fazer parte da formação do cidadão, previsto nos horários normais das escolas de ensino fundamental, com enfoque no conhecimento do fenômeno religioso e não mais na procura de uma verdade na fé.

2.3 A Escola e o ensino religioso

O objetivo da Religião diferente do que muitos pensam nunca foi explicar como tudo aconteceu. O problema é que muitos dos pregadores da Religião passam as mensagens com sentido de verdade absoluta; porém ela tem por objetivo apaziguar os povos, construir uma filosofia de vida, de ética e de moral, Fernandes então diz que você pode usar a Religião como uma fonte de libertação se for bem entendida, mas pode também ser considerada uma vertente totalmente oposta.

Eis a finalidade da religião na vida da pessoa: tentar orientá-la para o sobrenatural; ligá-la novamente com o sobrenatural... No entanto, esta ligação deve ser orientada numa dimensão libertadora e não alienante, pois já vimos que a religião pode ser usada para libertar o homem e levá-lo a uma ação transformadora, condizente com o projeto de Deus, ou pode levá-lo a uma atitude totalmente contrária como é o caso da opressão, da exploração, da dominação e da discriminação, tão presentes em nosso continente Latino americano...(FERNANDES: 2000, p. 30-31)

Apesar de não ser totalmente correto, cabe à escola o papel de formar cidadãos, pois muitas vezes os valores que eram pra ser construídos em casa são trazidos para a escola. Para Catão, isso levou a uma reflexão sobre a necessidade de uma disciplina que trabalhasse diretamente nos problemas dos alunos, problemas esses que poderiam ser familiares, sociais, financeiros entre outros, e em analogia a catequização visaram ensinar Religião nas escolas, para tentar amenizar estes problemas.

O ponto de partida do Ensino Religioso Escolar são os educandos, sua problemática, suas aspirações, seus valores, suas perspectivas de vida, suas frustrações e suas expectativas. Numa palavra, o existir humano concreto enquanto vivencia valores e reclama um sentido, que de fato busca, embora, o mais das vezes por caminhos diversos e até contraditórios. É o que chamamos de bases

antropológicos e culturais, ângulo fundamental sobre o qual o Ensino Religioso Escolar considera a vida. (CATÃO, 1993: p.99)

O ensino da Religião no ambiente escolar pode sofrer várias interferências do meio, já que muitos são os obstáculos a ultrapassar para conseguir um bom aproveitamento dos alunos nesta matéria. No aspecto profissional, a Religião ainda não ganhou amplitude no cenário nacional; a formação dos professores de Religião ainda é pequena, não se vê com frequência cursos de graduação em Teologia ou em Ciência da Religião. Assim, normalmente os professores de Religião são graduados em outras áreas, e não possuem conhecimentos suficientes nem técnicas de ensino laico.

Soares, ao falar do ensino religioso, afirma a dificuldade de reconhecimento que este ainda encontra nos dias atuais

[...] a formação docente para o ER requer ainda uma adequada fundamentação epistemológica, a ser construída a partir das interações entre ciência da religião, pedagogia e filosofia. Isso inclui, mas vai muito além da presença nos currículos das indispensáveis disciplinas que fornecem habilitações pedagógicas. Nesse sentido, a Ciência da Religião só tem a ganhar se souber aprender da filosofia da religião a rica discussão que vem sendo feita nas últimas décadas, do ponto de vista do conteúdo, sobre a categoria experiência/espiritualidade. Por outro lado, o estreitamento dos laços entre Ciência da Religião e Pedagogia poderá, do ponto de vista formal, aprofundar a vinculação do Ensino Religioso com a noção de “transposição didática”, aqui entendida como passagem do “saber ensinar” para os “objetos do ensino” (SOARES, 2009, p. 317).

Normalmente, quando um professor de Religião prepara sua aula, sempre existe a oração. Os alunos são forçados a aprenderem rezas, torna-se um evento cotidiano; eles não têm direito de escolha como garante a Constituição.

Um estudo feito pelo portal Qedu, publicado no site O GLOBO (Ensino Religioso é Obrigatório Em 49% de Escolas públicas, Contra Lei; 23/03/2013). Utilizou dados do questionário da Prova Brasil de 2011 realizada pelo MEC (Ministério da Educação) alerta que em 51% das Escolas Públicas brasileiras existe o costume de se fazerem orações e cantarem músicas religiosas, e ainda que entre os Diretores das Escolas, 49% deles afirma que o Ensino Religioso é obrigatório não havendo atividades alternativas para os alunos que não queiram assistir às aulas, o que contraria a laicidade de ensino.

Neste mesmo estudo feito pelo site O GLOBO realizou-se uma entrevista a uma menina de 13 anos da Bahia onde se vê a realidade da vida escolar de algumas pessoas: A criança é seguidora do Candomblé e disse sofrer com preconceitos de duas professoras evangélicas que tentam convertê-la.

Em um trecho de sua entrevista ela afirma:

A professora manda eu rezar “Ó pai bondoso, livra-nos de todo espírito do mal, para quem é da macumba entrar para a igreja”, porque eu sou do candomblé. Se eu não repetir a oração, ela me manda para a sala da direção. E a diretora diz que a professora tem que ensinar o que ela acha que está certo. Não posso faltar, senão, ela disse que vou ser reprovada

Além dessa criança, viu-se que um dos alunos que seguiam o candomblé escondia sua Religião com medo da discriminação que sofriam na Escola. Eles ficavam traumatizados ao ver seus colegas sendo maltratados moralmente, com uma falta de compreensão de pessoas que deveriam dar apoio, ensinar a viver melhor, e pelo contrário, desmoralizam crianças que podem ficar com sequelas para o resto da vida.

2.4 Os modelos do ensino religioso no Brasil

É possível visualizar que o contexto do Ensino Religioso é bastante amplo, envolvendo a política, a cultura e muitos outros aspectos. De acordo com Passos (2007), o Ensino Religioso construiu um percurso histórico que possibilitou a construção de modelos numa sequência cronológica. O primeiro modelo, o “Confessional”, é aquele baseado na expansão da Igreja Católica, na imposição da Religião, na relação entre Estado e Religião. Este modelo é abordado de acordo com a Religião de cada aluno. No Estado do Rio de Janeiro o Legislativo aprovou o ensino confessional, como determina a Lei 5.303, de 19 de outubro de 2011: “assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil”

O segundo modelo, o “Teológico”, é um modelo de continuidade do modelo confessional, porém com uma influência menor da Religião católica sobre os estudos sociais, pois já se vê um quadro plurirreligioso mas sem conseguir avanços na dissociação da Religião com o ensino científico geral. Existe também o modelo conhecido como “Inter-confessional” é um acordo entre diversas religiões, as quais elaboram seus conteúdos a serem repassados. Já o quarto modelo o “Supra-confessional” tem atuação nas escolas públicas, não considera nenhum tipo de proselitismo religioso, preconceito ou manifestação em desacordo com o direito individual dos alunos e de suas famílias de possuir credo religioso ou mesmo o de não possuir nenhum, como os agnósticos ou ateus. É o utilizado hoje em dia, com a procura de uma singularização de todas as religiões na busca de um só sentido, para ser repassado aos estudantes, sem impor dogmas, apenas tornando-os melhores cidadãos.

A Disciplina curricular é um modelo de Ensino Religioso pensado como área de conhecimento, que estuda a ciência da Religião, sem considerar a Religião propriamente dita, mas sim seus princípios éticos, sociais e as necessidades de vivência liberal.

2.5 A atuação dos educadores religiosos

Como se pode ver no terceiro modelo a Ciência da Religião, que pode ser de definida segundo Greschat, como uma disciplina curricular investigativa que abrange todas as religiões e utiliza aspectos de outras ciências, como a sociologia, a filosofia a história, a psicologia, etc., é uma grande medida tomada pelos pensadores que a fundaram, a ideia de se ter um ensino religioso impessoal, que apenas publique as ações sociais necessárias para um convívio harmonioso é interessante. Porém é notável que, apesar de alguns não buscarem tomar partido, os professores do ensino religioso que nem sempre tem formação adequada não conseguem ser inter-religiosos, e acabam tornando seu ensino diferenciado nos estados, e a Bíblia acaba sendo o único ponto a ser levado em pauta nas aulas. Questões mais interessantes para serem discutidas acabam sendo deixadas de lado; por isso, para Figueiredo, o ensino Religioso tem dificuldade para se encontrar na escola. “O Ensino Religioso busca a sua identidade, o seu espaço e a redefinição de seu papel na escola”. (FIGUEIREDO: 1995b: p.9-11).

O professor de ensino religioso precisa ter vivências, experiências em relação ao convívio social e ético. Antes de transmissor de informações, precisa ser humano, a ponto de perceber que na cabeça dos alunos existem peças de quebra cabeça que precisam ser montadas, existem enigmas que precisam ser decifrados, e é o professor o seu maior guia. Esta tarefa é muito dura, pois para o professor é difícil ter que explicar algo que ocorreu na história, ou atualidades no aspecto religioso, sem definir uma posição. E os próprios alunos devem questionar sobre qual Religião, ou qual ensinamento o professor segue e acha correto.

A espiritualidade é uma necessidade inerente ao ser humano, algumas pessoas possuem um conceito mais favorável sobre um determinado ponto de vista; já outros podem considerá-lo como errado, dependendo de suas concepções morais, individuais ou impostas pela sociedade no qual vivem. Nessa situação em que o aluno questiona sobre o melhor a seguir, o educador deve explanar sua opinião, mas deixando claro que isto não é universal, ou seja, que existem outros defensores de outras teorias, e deve repassá-las também a seus alunos. Deve

proporcionar situações em que os alunos também possam ter suas próprias experiências. Segundo Barreto: “Ninguém partilha com convicção o que ainda não vivenciou, não sabe ou não acredita”. (BARRETO, 1998, p. 55)

Na visão de Freire (1997) “O ser humano é também um ser religioso, no sentido de que se liga a seu Criador numa relação libertadora.” E ainda: “[...] A partir da consciência que tem de sua finitude, os seres humanos são capazes de perceber o infinito. Assim, podem transcender e ligar-se ao Criador [...].”

O professor precisa qualificar-se, precisa ter plena consciência de que suas informações vão servir para formar opiniões. Precisa ter conhecimento de todas as questões legais, pedagógicas e tudo que constitui o ensino religioso como área do conhecimento. A laicidade e a liberdade de escolha se tornam difíceis. Cury afirmava a importância do ensino religioso, mas diante da opção do aluno, que por sua vez é livre e tem o direito de manifestar-se e decidir qual caminho tem mais sentido:

O caráter facultativo de qualquer coisa implica o livre-arbítrio da pessoa responsável por realizar ou deixar de realizar algo que se lhe é proposto. A faculdade implica pois a possibilidade de poder fazer ou não, de agir ou não como algo inerente ao direito subjetivo da pessoa. Ora, para que o caráter facultativo seja efetivo e a possibilidade de escolha se exerça como tal, é necessário que, dentro de um espaço regado como o é o das instituições escolares, haja a oportunidade de opção entre o ensino religioso e outra atividade pedagógica igualmente significativa para tantos quantos que não fizeram a escolha pelo primeiro. (CURY, 2004, p.189).

O problema é que a implementação do ensino religioso leva aos alunos a ideia de catequização. É como se no lugar do ensino da moral através da Religião estivesse convertendo os alunos à Religião do professor que na maioria das vezes é católica ou protestante, e este pregando a palavra de Deus, o que não é o correto a se fazer. Só transpor os conhecimentos adquiridos também pode provocar confusão nos alunos, é preciso interpretar, relacionar a teoria à prática ao cotidiano. De acordo com Freire, (2005, p. 65): “Conteúdos retalhos da realidade [...] desconectados da totalidade [...]” são um atraso, um equívoco.

A memorização mecânica que devolve e repete nas provas o que estudou e algum tempo depois não lembra, mostra que não foi uma aprendizagem significativa, como descreve a TAS (Teoria da Aprendizagem Significativa). Esta teoria foi criada por David Ausubel e posteriormente acrescida por J. D. Novak, colaborador das ideias de Ausubel, e baseia-se na aprendizagem cognitiva, onde os conhecimentos humanos devem estar estruturados na mente humana do indivíduo, devendo o professor, segundo Ausubel, ter a incumbência de procurar os pontos em que já existe conhecimento, nomeados por ele como subsunçores, ou seja os pontos em que já existe um conhecimento prévio, para que a partir desses conhecimentos o aluno possa desenvolver melhor os demais. “O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigúe isso e ensine-o de acordo” (AUSUBEL, 1980). Uma informação é considerada de forma significativa quando é baseada em outras ideias outros conceitos, para que a mente esteja mais preparada e com conhecimentos prévios. Essa teoria difere da memorização mecânica por considerar o lado humanístico Segundo Moreira (1999) em sua obra Aprendizagem significativa, “para Novak, uma teoria de educação deve levar em consideração que o ser humano pensa, sente e age.”

O professor precisa deixar de ser mero repassador de informações. Encher os alunos de conteúdo... “Homens expectadores e não recriadores do mundo” (FREIRE, 2005, p. 72)

Segundo o DGC (Diretório Geral da Catequese), criado pela CNBB (2006) (Conferência Nacional dos bispos do Brasil), o ensino religioso deve ser distinto de catequese, ou seja, não se pode confundir entre repassar ensinamentos sobre a Religião em si, sendo neutra, objetiva e imparcial, e promover a aceitação da palavra de Deus como premissa maior.

2.6 Diversidades e divergências do Ensino Religioso

As diferentes vertentes da Religião proporcionam ao ensino religioso também variadas concepções, onde cada uma atinge um determinado anseio, que deverão ser analisadas pela sociedade para encontrar a melhor forma de aplica-las nas escolas. A Igreja católica no Brasil e no mundo tem na história uma doutrinação de

imposições de dogmas, que deveriam ser seguidos pela população. Para ela sempre foi importante que as escolas abordassem o modelo teológico de ensino, onde apenas o catolicismo fosse imposto para os estudantes. Porém no decorrer dos anos houve mudanças no cenário educacional tornando-se este cada vez mais laico, e por isso houve uma mudança de opiniões e discursos acerca do tema na Igreja, afirmando que o ensino religioso deve existir nas escolas, porém de forma confessional, respeitando a aceitação de cada aluno.

O Papa João Paulo II falando sobre os quatro modelos de ensino religioso, a saber, o antropológico, o ecumênico, o inter-religioso e o confessional, os quais foram vistos mais acima na seção 2.4, afirma ser o caráter confessional o mais adequado para a aplicação do ensino religioso em sala de aula.

A situação do ensino religioso é distinta nos vários estados: de caráter antropológico (cultura religiosa), ecumênico, inter-religioso e confessional. João Paulo II falando às Conferências Episcopais da Europa afirma que os alunos: Têm o direito de aprender, de modo verdadeiro e com certeza, a religião à qual pertencem. Não pode ser desatendido esse seu direito a conhecer mais profundamente a pessoa de Cristo e a totalidade do anúncio salvífico que Ele trouxe. O caráter confessional do ensino religioso escolar, realizado pela Igreja segundo modos e formas estabelecidas em cada país, é, portanto, uma garantia indispensável oferecida às famílias e aos alunos que escolhem tal ensino. (CNBB, 2006).

Para que este ensino religioso seja apresentado de forma confessional as dioceses empenham-se na formação de profissionais para o exercício do ensino religioso escolar, porém isto não deveria ser procedimento realizado apenas pelas dioceses, mas sim por toda a sociedade, pois se existirem apenas professores de Religião formados por elas, certamente o ensino laico e ideal nunca será atingido. Em muitas escolas é possível ainda visualizar um cenário de despreparo intelectual na área de Religião, o que não deveria acontecer segundo uma norma elaborada em 1997 pelo FONAPER- Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso e incluso

nos PCNER Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino religioso, pois para a atuação nesta modalidade os profissionais devem além de outros pré-requisitos:

Ser portador de diploma de licenciatura em Ensino Religioso: Caso não existam profissionais devidamente licenciados, o sistema de ensino poderá preencher os cargos de professores com profissionais portadores de diploma de especialistas em Ensino Religioso (mínimo de 360 h/a), desde que seja portador de diploma em outra licenciatura; bacharéis na área da religiosidade, com complementação exigida pelo MEC, desde que tenha cursado disciplina na área temática de Teologia Comparada, no total de 120 h/a; (FONAPER)

A LDB refere-se ao ensino religioso como não obrigatório, mas muito importante na formação social do aluno. A Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN), no artigo 32, inciso II, que trata sobre o Ensino Fundamental, cita que esse nível de ensino

Terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. (LDB)

Ao longo dos anos isso foi debatido no cenário educacional e a educação passou por inúmeras mudanças; novos parâmetros surgiram e nortearam a educação. O mesmo processo também aconteceu com a disciplina de ensino religioso, que passou a ser orientada pelo artigo 33 da LDB e desenhada como área de conhecimento, passando a ser um novo foco de pesquisa, reflexão e também como componente curricular.

Um problema apontado de imediato é a adaptação do ensino religioso em cada sociedade, ou cada região, sendo que em diferentes localidades prevalecem preceitos morais e éticos que se confundem com seita religiosa, não devendo ser imposta como componente curricular, já que não se trata muitas vezes de uma vertente do conhecimento, mas sim de valores sociais de determinado grupo que possuem o desejo de dominar a sociedade do seu entorno.

Outra problemática no ensino religioso é como promovê-lo, pois haverá sempre a resistência de alguns para o tema, além de que nem sempre os professores são capacitados para tal. Mas como já vimos, o ensino religioso não é obrigatório; porém muitas vezes acaba sendo tratado como se o fosse, o aluno teria que ter no seu currículo apenas o caráter cidadão e ético, porém muitas vezes ele leva orações decoradas.

Pode-se ver a influência do ensino religioso nas escolas em todo o Brasil. Em No ano de 2005, em um edital de abertura do concurso para professores de ensino religioso das escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, havia 500 vagas oferecidas, as quais foram separadas dessa maneira: 342 para o credo católico, 132 para o credo evangélico e 26 vagas para professores dos demais credos. Esse edital deixa clara a característica confessional da educação religiosa, a distinção entre as religiões, com predominância ao catolicismo, e sem deixar vagas suficientes para as demais religiões, que apesar de serem em menor abrangência, sofrem preconceito e desvalorização. Isso pode ser justificado porque o Brasil é a maior nação católica do mundo segundo o Vaticano, no ano de 2005 existiam cerca de 155 milhões de católicos no país que sempre teve histórico de país católico como afirma Enrico Nenna, responsável pelo Centro de estatísticas do Vaticano a uma entrevista concedida ao site BBCBrasil.com em 2007: “Em 1980, os católicos representavam 90,12% da população brasileira. Já em 1990, passaram para 87,7% [...]” (BBC, 2007)

O ensino religioso deveria ser implantado buscando a maior proximidade dos alunos com o meio cultural, sociológico e antropológico, promovendo mais respeito à diversidade e não desmoralizando as religiões que possuem menos seguidores.

2.7 A dificuldade dos alunos em discernir sobre o que é real e irreal no Ensino religioso

Um estudo feito em julho de 2014 pela revista científica Cognitive Science afirma que crianças que são colocadas aos ensinamentos religiosos possuem maior dificuldade em diferenciar o que é ficção de realidade. Este estudo foi feito com 66 crianças de cinco e seis anos de escolas públicas e paroquiais. Para isto utilizaram recursos, como contos de histórias, fictícias, reais, religiosas e fantásticas.

As crianças que frequentavam igreja ou escola paroquial foram menos capazes de associar, por exemplo, animais falantes à ficção. Elas tendiam a relacionar personagens de histórias fantásticas à realidade. Já as crianças seculares identificaram com maior frequência histórias bíblicas — a Arca de Noé, por exemplo — como ficcionais. (SCIENCE, 2014, DOI: 10.1111/cogs.12138)

Os autores do estudo são Kathleen H. Corriveau, Eva E. Chen e Paul L. Harris. Eles concluíram através dos estudos que as crianças não nascem com preceitos e predileção para a fé, mas sim, que elas desenvolvem isto através da vida.

Segundo o biólogo evolucionista e ateu militante Richard Dawkins, em seu livro Deus - Um Delírio (2007), não se deve afirmar que crianças seguem ou possuem uma determinada Religião, mas sim que elas são filhas de pais religiosos, no caso, para ele não existem crianças católicas, mas sim filhas de católicos.

A partir do estudo feito pelos autores do Cognitive Science acima citado visualiza-se o quanto peculiar deve ser o cuidado com o ensino para as crianças, existem os defensores de que não deveria mais existir a educação religiosa no ensino.

Há também os que são a favor do ensino de Religiões nas Escolas, como no caso do Ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, que foi criticado pelo tão conceitual autor Ruben Alves, que publicou um artigo no jornal Folha de São Paulo,

em 09 de Junho de 2002, intitulado “O Buraco da fechadura” (ALVES), direcionado ao Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, após este anunciar a um grupo de Pastores Evangélicos que era a favor do ensino da Bíblia nas Escolas, o autor se mostrou inconformado com a afirmação de Lula, pois considera extremista, e parcial. Para o autor, “se a Bíblia vai ser ensinada nas escolas, por uma exigência democrática, também a Torá, o Corão, o Evangelho segundo o espiritismo, o Bhagavad-Gita”

Essas são ideias da maioria dos pensadores e também civis brasileiros, sempre contra a atual forma da Legislação brasileira em se tratando da atuação da Religião nas escolas. Concordam entre si que isto possui imensas consequências ruins para os alunos, como foi comprovado através do estudo da revista SCIENCE, onde as crianças ao invés de aprenderem a interpretar textos, a melhorar seu raciocínio, no decorrer da vida, quando convivem com estudos religiosos passam a não discernir o que é realidade do que não é, e isso pode prejudicar muito o andamento na vida educacional do aluno.

As opiniões são adversas e variáveis, porém todas possuem seus argumentos que devem ser confrontados e lapidados, para que se obtenha a melhor forma de se passar os ensinamentos para as crianças, elas sim, só elas deverão no futuro escolher qual Religião irão seguir, ou se irão seguir alguma Religião. Não se deve privar o indivíduo de ser livre, de ter livre-arbítrio, livre escolha. Escolha esta que pode ser decisiva e que determina o andamento da vida de cada um.

CAPITULO III

3.0 O ENSINO DE CIÊNCIAS

A Ciência é uma forma sistemática de explicar os acontecimentos e fatos globais. Quanto à Ciência, o entendimento adotado busca em Chauí uma definição que melhor represente essa ideia. A autora, ao traçar algumas considerações sobre a concepção sobre Ciência analisa que esta não é somente uma descrição nua da realidade, mas sim todo um modelo representativo de fatos que procura buscar na realidade as explicações desejadas:

(...) considera a Ciência uma construção de modelos explicativos para a realidade e não uma representação da própria realidade. O cientista combina dois procedimentos - um, vindo do racionalismo, e outro, vindo do empirismo - e a eles acrescenta um terceiro, vindo da ideia de conhecimento aproximativo e corrigível. (...) o cientista não espera que seu trabalho apresente a realidade em si mesma, mas ofereça estruturas e modelos de funcionamento da realidade, explicando os fenômenos observados. (CHAUÍ, 1998. p. 252-253).

A Ciência fundamenta-se em uma observação sistemática, onde a partir daí são encontradas e discutidas várias hipóteses para se obter uma teoria científica. A partir desta teoria são encontradas conclusões a respeito dos assuntos, as quais muitas vezes vão de encontro com aquelas observadas por teorias religiosas, o que causa divergências entre as partes. Essas divergências são transmitidas aos alunos, causando o seu não entendimento e incompreensão.

A Ciência, assim como a Religião, possui vertentes que muitas vezes são levadas a decisões errôneas e equivocadas da realidade, a dualidades que não puderam ainda ser comprovadas, como no caso dos Óvnis e etc. Sagan em seu livro “O Mundo Assombrado pelos Demônios”¹ evidencia essa ideia claramente,

afirmando que não se pode aceitar tudo o que é dito por alguns cientistas, esses os quais ele trata como pseudocientistas

A ciência origina uma grande sensação de prodígio. Mas a pseudociência também. As popularizações dispersas e deficientes da ciência deixam uns nichos ecológicos que a pseudociência se apressa a encher. Se chegasse a entender amplamente que qualquer afirmação de conhecimento exige provas pertinentes para ser aceita, não haveria lugar para a pseudociência. Mas, na cultura popular, prevalece uma espécie de lei de Gresham segundo a qual a má ciência produz bons resultados. (SAGAN, pg. 8)

Ele explica que essa pseudociência utiliza de informações não condizentes com a realidade, baseadas em hipóteses alusivas e provas insuficientes

Um dos grandes mandamentos da ciência é: desconfia dos argumentos que procedem da autoridade.” (Certamente, os cientistas, sendo personagens e jogo de dados portanto às hierarquias de dominação, não sempre seguem este mandamento.) Muitos argumentos deste tipo resultaram ser dolorosamente errôneos. As autoridades devem demonstrar suas opiniões como todos outros. Esta independência da ciência, sua relutância ocasional a aceitar a sabedoria convencional, a faz perigosa para doutrinas menos autocríticas ou com pretensões de certeza. (SAGAN, pg. 19)

A Ciência está em constante evolução. Os cientistas a toda hora lançam novas teorias, as quais são descritivas, comprovativas, e modificativas. Elas descrevem fatos, comprovam teorias e modificam outras teorias já existentes. Essa evolução foi e ainda é amplamente criticada por estudiosos que defendem a realidade da moral, da concepção individualista do mundo, que afirmam ser uma verdadeira “desvalorização do homem”, ou seja, uma modificação da natureza humana original, as novas criações e descobertas segundo eles criam também uma

superficialidade na vida do homem. Sagan critica quem possui essa opinião como o filósofo Friedrich Nietzsche:

Na genealogia da moral, Friedrich Nietzsche, como tantos antes e depois, critica o progresso ininterrupto na auto desvalorização do homem” causado pela revolução científica. Nietzsche lamenta a perda da “crença do homem em sua dignidade, sua unicidade, insubstituível no projeto da existência”. Para mim é muito melhor captar o universo como é em realidade que persistir no engano, por muito satisfatório e reconfortante que seja. (SAGAN, pg. 13)

Essa não aprovação da Ciência como condutora de todas as explicações sobre o Universo criou um movimento chamado Niilismo. (do latim *nihil*, nada) É um conceito filosófico utilizado para explicar a não conformidade de alguns pensadores com os avanços e a dominação científica. Esses pensadores afirmavam que aos poucos o mundo estava perdendo a noção de humano, desvalorizando os sentidos e os valores tradicionais.

O Niilismo pode ser considerado como um movimento contra o positivismo, o desejo de ver as coisas mais simplistas. Autores como Ludwig Feuerbach, Charles Darwin, Friedrich Nietzsche eram niilistas: O Professor doutor em filosofia pela PUC-Rio, Rossano Pecoraro em seu livro intitulado “Niilismo e pós modernidade” afirma ser com Nietzsche - "que a reflexão filosófica sobre o niilismo alcança o seu mais alto grau, com um pensamento radical que mostra as origens mais remotas do fenômeno, como o platonismo e o cristianismo. Assim, não só diagnostica a doença do nosso tempo, como tenta indicar um remédio". O autor deixa claro sua insatisfação com o tema e com o que acontecia na época: "o século do niilismo que impregna a atmosfera cultural de toda uma época e transforma-se numa “categoria” fundamental no laboratório filosófico contemporâneo" (PECORATO,2005).

3.1 Movimento Criacionista X Evolução

Desde que a humanidade surgiu muitas perguntas foram discutidas como: o mundo surgiu? Surgiu do nada ou de uma divindade? Para solucionar essa questão muitas teorias foram lançadas, e houve muita discussão no e entre os meios científico, religioso, filosófico.

Nos primórdios quem explicava e gerava teorias sobre o surgimento da vida eram os mitos e a Religião. Existiam vários mitos de que personagens sobrenaturais foram os criadores, esses personagens eram deuses e outros seres, que deveriam ser respeitados e obedecidos, ou seja esses mitos surgiam quase sempre de seitas religiosas.

O mais antigo mito que se tem registro é o mito babilônico, criado há cerca de 4.000 anos, o qual afirma que no início existiam vários deuses, e houve muita guerra entre eles, até que fizeram surgir o mundo.

Muitos acreditam que a melhor explicação do ponto de vista mítico é a origem Bíblica do Universo, que explica haver uma divindade invisível que vai criando todas as coisas, as plantas, os animais e o homem. Esse é o movimento criacionista, que está contido no livro de Gênesis seguido por todos os cristãos e judeus que acreditam nas escrituras da Bíblia. Uma das primeiras especulações críticas sobre a teoria do Universo está contida em “Nasadasiyasukta” do Rig-veda, um dos 04 textos que formam a base da mitologia hindu que denominam-se vedas, escrita na língua indiana sânscrito, traduzido por Roberto de Andrade Martins, professor de Física da Unicamp, entre outras, Doutor em Lógica e Filosofia da Ciência, em sua publicação “O Universo”.

Então não havia nem o ser nem o não-ser; não havia o domínio do ar, nem o céu além dele. O que estava recoberto? Onde? em que receptáculo? Existia um abismo de águas profundas? [...] (VEDA, Rig - Hino 129 do livro X do)

Ele demonstra as incertezas que haviam nas teorias existentes, e no final do texto questiona o que ainda hoje não foi explicado e comprovado totalmente: como se pode conhecer o que havia no início de tudo? Ele duvida que os deuses supremos possam saber disso.

Quem realmente sabe, quem poderia dizer de onde brotou, de onde provém esta criação? Os deuses são posteriores à sua produção. Quem sabe então de onde ela surgiu? De onde brotou esta criação, se ela foi feita ou não o foi, ele que a observa do mais alto dos céus, ele realmente o sabe, ou talvez nem ele o saiba. (VEDA, Rig - Hino 129 do livro X do)

No decorrer dos séculos muitos lançaram suas teorias, Sócrates, Aristóteles, Copérnico, Descartes, Galileu Galilei, dentre muitos outros, que passavam seus dias a estudar e tentar entender pelo menos superficialmente o mundo.

Atualmente a teoria mais aceita para a criação do Universo entre a comunidade científica é a teoria da Grande Explosão (ou em inglês Big Bang), que demonstra a partir dos estudos do físico Albert Einstein (1879-1955) e dos astrônomos Edwin Hubble (1889-1953) e Milton Humason (1891-1972) que o Universo não é estático, está em constante expansão, ou seja, que no passado as galáxias estavam mais próximas umas das outras, até o ponto de serem uma só partícula que se expandiu, dando surgimento a vida muitos milhões de anos depois.

Posteriormente, para explicar a evolução das espécies, Charles Darwin lançou sua teoria, a conhecida teoria da seleção natural de Darwin, onde explica que os indivíduos mais bem preparados sobrevivem e esse mecanismo resulta da adaptação dos indivíduos ao ambiente, em virtude de processos de mutações genéticas. Essa questão começou a ganhar mais destaque na questão educacional a partir dos anos de 1920, quando os fundamentalistas impuseram sua vontade em proibir o ensino da teoria da Evolução nas escolas de alguns estados norte-americanos, como Flórida e Mississipi. ARMSTRONG (2001) possui um Livro chamado "Em nome de Deus" no qual aborda esse tema da disputa entre defensores do criacionismo contra a Teoria da Evolução de Darwin.

"Em 1920, o político democrata e presbítero Willian J. Bryan [1860-1925] lançou uma cruzada contra o ensino da teoria da evolução nas escolas e faculdades. Achava que o responsável pelas atrocidades da 1ª. Guerra Mundial fora o darwinismo". Ele possuía também a opinião de que os nazistas foram influenciados pela teoria de Darwin. Assim, promoviam a extensão da propagação dos ensinamentos darwinistas com medo de que isto influenciasse a mente dos jovens e estes elaborassem cada vez mais revoluções pelo mundo. Porém, os criacionistas não conseguiram banir o ensino dessa teoria nas escolas, talvez por falta de provas, de experiências concretas.

A dualidade entre Ciência e Religião, como foi visto, sempre existiu; nunca se chegou a um comum acordo, as duas teorias confrontam-se e em alguns pontos até coincidem, mas nunca sem haver discussão e visões antagônicas. Ao estudá-las, Silas Guerriero, sociólogo e professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), afirma em uma entrevista feita pelo portal COMCIÊNCIA (2004) que a dúvida é um pressuposto da Ciência, enquanto a Religião é simplesmente baseada na fé. "No caso do criacionismo ou gênesis, podemos mostrar um mito de criação, qual a idéia de mito e como o mito interfere na vida do ser humano, mas deixando claro que é uma verdade diferente da ciência". Caso essa separação não ocorra, afirma, ou o mito é anulado ou a Ciência é desmascarada. "A visão clássica era de que a Ciência explicaria o mundo e com isso não haveria mais necessidade de se recorrer aos aspectos mágicos e religiosos, mas não foi bem isso que aconteceu", analisa Silas para ele, "apesar do mundo estar cada vez mais `cientificizado`, as pessoas ainda fazem uso de explicações religiosas, porque a dimensão religiosa faz parte do ser humano".

Vê-se que o mundo é dividido na questão de como surgiu. Há sempre visões de mundo diferenciadas, cabe a cada pessoa refletir sobre o que é correto baseado nos seus preceitos e ensinamentos que obtiver. Para isso existe o professor, com o papel importantíssimo de repassar os conhecimentos, explicando todas as teorias, sem priorizar nenhuma delas, para não influenciar os alunos.

3.2 O ensino-aprendizagem de Ciências

A palavra Ciência relaciona-se com a compreensão do mundo, das coisas e da razão porque elas existem. Assim o ensino de ciências é usado para ajudar desde a criança no ensino básico até os pós-graduados a compreender melhor tudo o que está no mundo.

A história do ensino-aprendizagem de ciências varia de acordo com as posturas que os professores assumem, com os objetivos buscados por eles. Por exemplo, nos anos 60, esse processo era utilizado por educadores comportamentalistas, que retratavam comportamentos observáveis e foram elaboradas classificações para estes processos, das quais a mais conhecida, coordenada por Benjamim Bloom em seu livro *Taxonomia de objetivos educacionais* – domínio cognitivo, era a que dividia os objetivos educacionais em cognitivo-intelectuais, afetivo-emocionais e psicomotores-habilidades, divididas em escalas do comportamento as quais descreviam as atitudes e capacidades esperadas de cada aluno e não apenas dos conteúdos. Os objetivos cognitivo-intelectuais referiam-se ao desenvolvimento das habilidades pelo intelectual, já o afetivo-emocional refletia os aspectos relacionados aos sentimentos, à área emocional, e as habilidades psicomotoras relacionavam-se às atividades e habilidades físicas de cada aluno. (BLOOM, 1997). Esse modelo de trabalho, hoje em dia ainda é utilizado e muitos dos processos de planejamento que ocorrem nas escolas possuem textos com objetivos que em geral são esquecidos durante o ano, como novas metodologias de ensino, uso de novas ferramentas, como slides, porém realidade é outra, dependendo do meio em que se está inserido os meios tradicionais prevalecem.

Seguindo a isso, surgiram as ideias de Jean Piaget, que discutia sobre o desenvolvimento intelectual dos alunos, que ao estudarem ciências devem usar uma perspectiva cognitivista. Para ele, a adaptação é a essência do funcionamento intelectual, já que é também a essência do funcionamento biológico, e afirma ele que os dois funcionamentos são interligados, e não podem ser estudados separadamente, ou seja, para se ter um bom desenvolvimento mental, é preciso que o físico e o estrutural esteja estável. “Do ponto de vista biológico, organização é

inseparável da adaptação: Eles são dois processos complementares de um único mecanismo, sendo que o primeiro é o aspecto interno do ciclo do qual a adaptação constitui o aspecto externo.” (PIAGET,1996)

Para auxiliar os educadores na transmissão dos conhecimentos Piaget desenvolveu um estudo relatando os períodos no processo evolutivo da espécie humana, que são caracterizados "por aquilo que o indivíduo consegue fazer melhor" no decorrer das diversas faixas etárias ao longo do seu processo de desenvolvimento, onde a escola deve encaixar suas práticas pedagógicas ao modo de ser dos seus alunos. Os períodos são:

1º período: Sensório-motor	(0 a 2 anos)
2º período: Pré-operatório	(2 a 7 anos)
3º período: Operações concretas	(7 a 11 ou 12 anos)
4º período: Operações formais	(11 ou 12 anos em diante)

Em cada fase ele identifica as atividades que mais são absorvidas pelos alunos, o que eles conseguem aprender realmente. No primeiro período é onde a criança começa a descobrir o sentido das coisas, pois até então nada tem significado para ela. Piaget define este período como sendo: “a passagem do caos ao cosmo”. Já o segundo período, o pré-escolar, é onde a criança desenvolve seu pensar centrada em si mesma, guiada apenas pela intuição. O terceiro período é onde a criança começa a interagir com os outros buscando uma cooperação, é, segundo Piaget, a fase dos conhecimentos teóricos: ela consegue entender os números, espaço, tempo, já tem a capacidade de resolver questões bem mais complexas. O último período da etapa infantil é o período lógico onde o indivíduo consegue utilizar operações lógicas para resolver questões.

Atualmente, verifica-se que na sala de aula os professores de ciências utilizam técnicas expositivas e de memorização para suas aulas; os docentes explicam e os alunos devem compreender o conteúdo, porém essa compreensão não é fácil se as técnicas dos professores não forem satisfatórias. Em pesquisa realizada com professores e futuros professores de Ciências, os pesquisadores Porlán, Rivero e Martín Del Pozo (1998) em sua obra “Conhecimento profissional e epistemologia de professores II: estudos empíricos e conclusões.” Concluem que a maioria dos professores busca ensinar ciências por meio da interpretação das experiências que ocorrem no dia a dia, eles prendem-se a um pequeno conjunto de

aspectos e não evidenciam o todo, com uma tendência a aulas tradicionais que não favorecem a aprendizagem dos alunos, causando barreira também para o próprio professor que se prende a esta metodologia, sem incrementar novas ferramentas.

Assim como em qualquer disciplina, unir teoria à prática não é fácil para os professores. Esse é um aspecto que os professores devem aplicar em sala de aula, pois o entendimento dos alunos pode se tornar mais fácil, já que a maioria não consegue discernir bem algumas teorias pois, segundo Freire (1997), para que haja a compreensão de uma teoria é preciso experienciá-la. A experimentação no ensino de ciências é fundamental para que o aluno compreenda da melhor maneira o conteúdo repassado, é uma maneira de impulsionar e tornar mais rápida a aprendizagem.

Porém, não é correto que os professores queiram usar as experiências como fim de confirmação de uma Ciência, ou seja não deve ser um instrumento de ensino unitário, mas sim uma técnica para facilitar a compreensão, como afirmam Ramos, Antunes e Silva,

Para favorecer a superação de algumas das visões simplistas predominantes no ensino de ciências é necessário que as aulas de laboratório contemplem discussões teóricas que se estendam além de definições, fatos, conceitos ou generalizações, pois o ensino de ciências, a nosso ver, é uma área muito rica para se explorar diversas estratégias metodológicas, no qual a natureza e as transformações nela ocorridas estão à disposição como recursos didáticos, possibilitando a construção de conhecimentos científicos de modo significativo. (RAMOS, ANTUNES; SILVA, 2010, p. 8)

Em alguns casos, mesmo utilizando estas técnicas de ensino por laboratório, os alunos não têm tanto interesse nas aulas, e um dos motivos é o fato de os conteúdos repassados não serem muitas vezes de situações cotidianas, de coisas comuns aos alunos, ou de algo que seja relevante para a vida e para o dia a dia, como, por exemplo, estudar a genética, os seres que vivem nos mais profundos mares, as galáxias, pode não ser tão atrativo quanto as dificuldades sociais que

perpetuam desde séculos passados até hoje. Então, alguns autores defendem a união de assuntos da sociedade com as aulas de ciências para promover melhor resultado:

A integração de elementos do ensino das Ciências com outros elementos do currículo além de levar à análise de suas implicações sociais, dá significado aos conceitos apresentados, aos valores discutidos e às habilidades necessárias para um trabalho rigoroso e produtivo. (KRASILCHIK E MARANDINO 2004, p. 43)

Segundo o texto dos parâmetros curriculares nacionais (PCN) para o ensino de Ciências, não adianta apenas o professor aplicar a experimentação sem haver antes uma ação investigativa sobre o caso, um estudo amplo que promova conhecimentos antes da experiência:

Transcorridos quase 30 anos, o ensino de ciências atualmente ainda é trabalhado em muitas salas de aula não levando em conta sequer o progresso relativo que essa proposta representou. Durante a década de 80, no entanto, pesquisas sobre o ensino de Ciências Naturais revelaram o que muitos professores já tinham percebido: que a experimentação, sem uma atitude investigativa mais ampla, não garante a aprendizagem dos conhecimentos científicos...Na educação contemporânea, o ensino de Ciências Naturais é uma das áreas em que se pode reconstruir a relação ser humano/natureza em outros termos, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência social e planetária [...] (PCN 5ª A 8ª SÉRIES, 1998)

São várias as técnicas de ensino utilizadas para facilitar a compreensão dos alunos. Hoje em dia os professores possuem cada vez mais instrumentos pedagógicos, a prioridade é a facilitação do entendimento dos alunos, seja ele por experiências ou correlação com o cotidiano. É o melhor para o aprimoramento do ensino-aprendizagem, que no decorrer dos anos se dará mais fortemente.

CAPITULO IV

4.0 Relação entre o ensino de ciências e o religioso

Historicamente, Religião e Ciência são conflitantes. Muitos pesquisadores consideram que não há como haver nenhuma relação entre as duas, que uma é superior a outra. No mundo científico um exemplo de combate entre a fé e a Ciência foi com o físico, matemático, astrônomo e católico Galileu Galilei (1564 – 1642) que é considerado o “pai da Ciência moderna” por suas descobertas. Foi o precursor do método empírico, desencadeando a abertura de um novo período marcado pela desvalorização do método aristotélico, uma troca de procedimentos abstratos por experimentais.

Por sua relação com a Igreja Católica, Galileu foi obrigado pelo Papa a renegar suas afirmações sobre a teoria do heliocentrismo em 1616, porém logo depois voltou a escrever, e, em 1.632, publicou um livro intitulado “Diálogo sobre os dois principais sistemas do mundo – o ptolomaico e o copernicano”, o qual entrou para a lista do Index (livros proibidos pela Igreja católica) e foi novamente obrigado a renegar suas próprias ideias. Mesmo sendo católico, Galileu teve controvérsias e reneгаções pela Igreja, pois suas ideias eram conflitantes com as religiosas. Sua morte é retratada por muitos como provocada pela Igreja Católica. Hoje em dia, a Igreja considera que os trabalhos de Galileu não prejudicaram a mesma, como pode ser visto em uma nota oficial divulgada pela santa sé em 29 de janeiro de 2009 que foi apresentada no Congresso Internacional sobre galileu Galilei neste mesmo ano: "podemos olhar para a figura de Galileu e reconhecer o crente que tentou, no contexto do seu tempo, conciliar os resultados das investigações científicas com os conteúdos da fé cristã". (JORNAL DE NOTICIAS,2009)

A tolerância sobre tudo aquilo que nos parece diferente é cada vez mais difícil. O preconceito encontrado acerca de muitos temas torna nossa sociedade

cada vez mais ignorante, e é sempre necessário encontrarmos os limites do que é certo ou errado. Para Silva e Ribeiro encontrar um consenso é sempre importante, e a sociedade tem que ter mais tolerância seja esta proveniente do que há de comum ou incomum:

Um dos grandes desafios para a convivência social é encontrar maneiras de diálogo com o diferente. Por muito tempo se procurou encontrar o que os grupos têm em comum. No entanto, descobriu-se que além de ter algo em comum, se faz necessário que a convivência se dê também pela diferença
SILVA E RIBEIRO (2007, p.13)

A relação entre a Ciência e a Religião sempre foi marcada por polêmicas. Quando este assunto é discutido, há sempre as dualidades advindas de alguns cientistas que discordam totalmente do que a Igreja prega, como também os religiosos que vão de encontro com todas as teorias científicas. Porém, existem registros também de pesquisadores cientistas e até mesmo religiosos que consideram haver coisas em comum entre Religião e Ciência. São duas áreas do conhecimento que têm em comum o fato de ser o homem o seu precursor; foi ele quem criou a Ciência e é ele quem crê na divindade. As duas relacionam-se, pois ambas procuram um “sentido”, seja ele natural, sobre o conhecimento do mundo no caso da Ciência, ou pelo sentido espiritual.

Existem referências no presente e no passado de cientistas com crenças religiosas, no passado com Newton, Boyle, Cuvier etc. No presente com Capra, Paul Davies etc. O Físico Isaac Newton em sua época descobriu a gravidade e as leis do movimento, além de criar a ótica e, simultaneamente a isso passava horas e horas estudando a Bíblia para tentar entender e decifrar quando Jesus voltaria. Paul Davies, físico inglês contemporâneo, escreveu um livro em 1992 intitulado “A mente de Deus”, onde também mostra a interação entre as ideias religiosas e científicas. Em uma entrevista após a publicação do livro, ele afirma e resume o que sente:

Acredito que as leis da natureza são engenhosas e criativas, facilitando o desenvolvimento da riqueza e da diversidade na natureza. A vida é apenas um aspecto disso. A consciência é outro. Um ateu pode aceitar essas leis como um fato bruto, mas

para mim elas sugerem algo mais profundo e intencional.

(SUPERINTERESSANTE,2001)

A partir desta referência, infere-se que Ciência e Religião podem ser compatíveis. Segundo uma abordagem contextual do ensino de ciências, implica a conclusão de que, ao ensinar-se as contribuições científicas de pesquisadores com inclinações religiosas, estas últimas não podem ser simplesmente ignoradas, como usualmente se faz (Matthews 1994; Mahner; Bunge 1996). No ser humano podem haver situações que normalmente seriam inconsistentes, habitando juntas, na medida em que as crenças contraditórias sejam utilizadas em contextos diferentes (El-Hani; Bizzo 1999). Esta é uma situação provável no caso de cientistas com crenças religiosas.

Ao analisar a vida desses cientistas, vê-se a correlação harmoniosa que existe sim muitas vezes entre Ciência e Religião. Ao longo dos séculos eles foram importantes para novas descobertas no mundo; tinham grande notoriedade na comunidade científica, e mesmo assim, conseguiam crer e ter fé em Deus.

Em 1896, o presidente da Universidade Cornell, Andrew Dickson White, publicou um livro com o título *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom* (História da batalha da Ciência com a teologia na cristandade). Neste livro, ele afirma que existem muitos pontos onde Ciência e Religião se completam, que não pode haver hoje em dia o sentido de embate entre as duas, afirmando que não são inimigas mas sim que podem “interagir frutiferamente”. Os argumentos dele são baseados nas seguintes afirmações:

- 1.A Religião fornece a estrutura conceitual em que a Ciência pode florescer.
- 2.A Ciência é capaz tanto de contestar como de confirmar as afirmações da Religião.
- 3.A Ciência encontra problemas metafísicos que a Religião pode ajudar a resolver.
- 4.A Religião pode ajudar a decidir entre teorias científicas.
- 5.A Religião pode ampliar a capacidade explanatória da Ciência.

6.A Ciência pode estabelecer uma premissa num argumento que tenha conclusão com importância religiosa.(WHITE, Andrew. 1896)

No campo da Religião, muitos eclesiásticos não aceitam as teorias científicas, afirmando que estas são profanas, que contradizem o que a Religião prega. Muitos Papas eram contra as teorias heliocêntricas. Porém, como foi visto anteriormente, com o decorrer dos anos as ideias de Copérnico e Galileu foram aceitas pela Igreja. Recentemente em 2011, o Papa Bento 16 disse que as teorias científicas da origem e do desenvolvimento do Universo e dos humanos, embora não entrem em conflito com a fé, deixam muitas perguntas sem respostas. Atualmente o novo Papa, que se mostra diferenciado, seguindo as ideias do Papa Pio XII que foi o primeiro pontífice a aceitar as teorias da evolução e do Big Bang, afirmou, em um encontro da Pontifícia Academia de Ciências, um organismo independente sediado no Vaticano, que as teorias científicas que tentam explicar o mundo não limitam ou excluem o papel de Deus na criação, explanando ainda que a teoria da evolução nada interfere com a interpretação de que Deus é o criador, palavras que impressionaram a população de cientistas. "A evolução na natureza não contrasta com a noção de criação (divina), porque a evolução requer a criação de seres que evoluem", disse ele: "O início do mundo não é trabalho do caos, que deve sua origem a outra coisa, mas deriva diretamente de um princípio supremo que cria a partir do amor". Afirmou sobre o surgimento do Universo: "O 'Big Bang', que hoje é considerado a origem do mundo, não contradiz a intervenção criativa de Deus, pelo contrário, a requer".

A Igreja mantém uma academia de ciências (A Academia Pontifícia de Ciências), fundada em 1603, a qual abrigou muitos cientistas importantes e ganhadores de prêmios Nobel como membros, tais como Ernest Rutherford que recebeu o prêmio Nobel de Química em 1908, e os físicos Erwin Schrödinger, em 1933, Guglielmo Marconi, em 1909 e Aage Bohr, em 1975, além de nomes como os de Gregor Mendel, que era monge agostiniano, precursor das teorias genéticas. Nicolau Copérnico era cônego da Igreja; os cônegos eram presbíteros de determinada região que tinham a função de escolher um novo Bispo e assessorá-lo, e foi o criador da teoria heliocêntrica. Também teve a participação do criador da teoria do Big Bang o padre católico jesuíta Georges Lemaître. A referida academia,

hoje em dia conta com cerca de 80 acadêmicos pontifícios, incluindo o brasileiro Miguel Angelo Nicoletis (São Paulo, 1961), pesquisador neurocientista muito conceituado, membro da academia desde janeiro de 2011. (VATICAN.VA)

Então a partir disso pode ser percebida a hipótese de que não é tão prejudicial assim unir as duas vertentes. Que pode ser que a criança, ao estudar Religião e Ciência, consiga desenvolver mais, em alguns casos, a sua capacidade de interpretação do mundo e dos acontecimentos. Como já foi visto anteriormente, são muitos os argumentos daqueles que defendem a separação ou secularização do ensino religioso nas escolas, já que houve pesquisas e estudos que apontaram a negatividade do ensino religioso escolar. Porém, o exemplo dos grandes cientistas não pode ser considerado apenas como um evento isolado, mas sim importantíssimo para que se unam cada vez mais os dois ensinos, a fim de melhorar os conhecimentos que são repassados em sala de aula.

No âmbito educacional é necessário unir a Religião e a Ciência, já que ambos agrupam conhecimentos utilizados pelos humanos, os quais precisam entender cada uma dessas áreas em seus aspectos gerais para poder relacioná-las sem impor barreiras entre as duas, já que hoje vive-se em um mundo globalizado, um mundo mutável, que realiza e precisa de conexões sem preconceitos. Catão em suas palavras descreve a sociedade pluralista de hoje, que necessita de mais tolerância e harmonia:

Quando afirmamos que o mundo contemporâneo é pluralista, não estamos simplesmente constatando a sincronia das diversas raças, culturas, ideologias ou religiões, mas reconhecendo que, no mundo de hoje, há um fermento na unidade da diversidade, uma aspiração comum ao convívio na diferença, a exigência difusa de um espírito ecumênico, no sentido amplo, de tolerância, de entendimento e de colaboração entre todos os homens e mulheres, entre todas as raças, culturas, ideologias e religiões, apesar de sua diversidade, reconhecida e até cultivada. (CATÃO, 1993:p.45).

Então se a Ciência é considerada pluralista, pode se considerar que existem diferentes ciências; logo, segundo alguns autores, não deve haver uma relação normativa entre Religião e Ciência devido a essa pluralização. Watts (1997) apontou que “existem diferentes ciências e cada qual possui sua própria história, métodos e hipóteses. Cada uma tem também um diferente relacionamento com a Religião”.

Um mundo repleto de seitas, diferentes culturas, comunidades religiosas, e etc., não pode ter visão individual sem aceitar a diversidade e deve ser respeitada toda e qualquer cultura, já que nenhuma é superior a outra, e isso deve prevenir discussões e guerras entre opositores religiosos e cientistas, onde na verdade devem unir-se para obter um mundo melhor social, cultural, e humanisticamente. "Assegurar o livre exercício das atividades cultuais (de culto), espirituais, culturais e caritativas das comunidades dos crentes. Numa sociedade pluralista, a laicidade é um lugar de comunicação entre as diferentes tradições espirituais e a nação" (João Paulo II, 2004).

Autores como Stort afirmam que a Ciência hoje em dia é dependente de ações sociais, visadas ao aspecto humano e não puramente científico, defende que principalmente o ensino da Ciência deve também ter esse sentido de conhecimento humanizado.

No contexto atual percebe-se uma maior vinculação entre os aspectos políticos e sociais e uma maior politização das atividades realizadas no âmbito da sociedade brasileira; assim, a ciência e o ensino de ciências deverão humanizar-se e assumir um caráter político e social, pois estas são atividades que podem possibilitar aos cidadãos novas formas de compreender a realidade, agir sobre ela e transformá-la (STORT, 1993).

Não se deve vincular ensino religioso a qualquer instituição religiosa, mas esse é um problema ocorrido nas escolas, pois a maioria tenta incorporar ações de cultos religiosos à sala de aula, comprometendo o estudo do aluno de forma laica. Essa não transcendência do ensino religioso é um dos principais problemas para a união da Religião e Ciência

“Toda a impotência manifesta do sistema escolar atual e a insuficiência de soluções dadas às questões de caráter educativo não provam senão o desastre irreparável que resulta para a educação pública, de influências e intervenções estranhas que conseguiram sujeitá-la a seus ideais secundários e interesses subalternos”.
(AZEVEDO 47)

São muitas as dificuldades encontradas por professores de Religião em suas aulas; eles na maioria das vezes afirmam que é muito difícil lecionar esta disciplina. São vários os questionamentos e os empecilhos que tornam a Religião difícil de ser aplicada em sala de aula. Em um estudo sobre esse tema foram consideradas algumas dessas dificuldades apontadas: (SANTOS, 2007)

- Não possuir formação específica na área;
- A variedade de religiões na mesma classe;
- Responder aos questionamentos que surgem durante as aulas;
- Falta de comprometimento dos pais;
- Trabalhar com a ideia do Transcendente;
- Não envolver as religiões nas aulas de Ensino Religioso;
- Inversão de valores
- Falta de seriedade dos alunos;
- Respeitar a Legislação em vigor;

Também reclamam da falta de material religioso disponível para planejamento escolar e também sentem falta de um material atualizado que não choque com ideais promovidos hoje pela sociedade. Esses professores não têm a devida formação que foi garantida na lei 9.394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em seus artigos de 61 a 67. Segundo ela a formação continuada é um direito dos profissionais e um dever do Estado, que, se realmente fosse efetivado poderia melhorar a situação atual do Ensino religioso.

Esses aspectos negativos do ensino religioso dificultam o progresso do mesmo em sala de aula, assim como sua relação com o ensino de ciências naturais, já que sem uma estrutura favorável para o estabelecimento de boas técnicas

pedagógicas do ensino religioso não há como desenvolver um estudo dos alunos que não atrapalhe no seu entendimento da Ciência como parte complementar da Religião e não como oposta.

Como foi visto unir Religião e Ciência é um processo que merece estudo para se ter uma melhor compreensão do tema, pois cada uma dessas áreas possui suas especificações. A Religião possui várias divisões e várias seitas; algumas, como o catolicismo hoje em dia, concorda com muitos aspectos da Ciência, o Big Bang, e a teoria heliocêntrica. Já outras crenças discordam em todos os aspectos da Ciência, discordam até mesmo de outras religiões, havendo muitas vezes guerras, como atualmente no Oriente médio, causando vários desastres e mortes, muitos até acreditam que a Religião seja a principal causa de guerras.

Então, percebe-se que em vários pontos as duas visões de mundo combatem entre si, suas teorias são criticadas umas pelas outras, porém não se pode deixar de evidenciar todos os pontos em que as tornam complementares pois como foi mencionado anteriormente são criações humanas que juntas podem desvendar muito mais mistérios do que separadas.

4.1 A Opinião de um padre sobre o assunto

Foi realizada uma entrevista aberta com o Padre, recém-formado como Clérigo da Igreja Católica Apostólica Romana, a fim de obter-se uma visão sábia e moderna sobre o assunto.

As questões abordadas foram em geral conceituais, sobre os ensinamentos, principalmente o religioso e seu papel na sociedade. Questionado primeiramente sobre sua visão a respeito do ensino religioso nas escolas, ele afirma não ser papel do Estado doutrinar, mas sim de cada religião, ou seja, que as escolas não devem aplicar o ensino confessional em suas aulas, mas sim puramente informativo e construtivo, porém ele ao mesmo tempo afirma que o ensino religioso deve ser transcendente “O ensino religioso consiste em educar para o sentido de transcendência, tão próprio à existência humana, que não se restringe ao plano

horizontal (físico, material, social, científico etc.), mas dilata-se verticalmente (dimensão espiritual do homem).” Para ele é vital a importância do ensino da Religião na sala de aula, a transcendência deste ensino proporciona ao ser uma vida melhor.

Um indivíduo sem senso de transcendência, de espiritualidade, de eternidade não pode descobrir a plenitude do ser pessoa. Vive como uma máquina, trabalhando para consumir, gastando as forças e a vitalidade ao passo que se aproxima o fim biológico, convencendo-se de que tudo o que fez se extinguirá. Moralmente falando, é alguém que dá a si a “própria medida”, como diriam os sofistas da Grécia antiga, definindo pelo arbítrio o que é certo ou não, construindo a sua própria verdade. O resultado disso é o verdadeiro caos moral na sociedade, confundida pelo relativismo e empobrecida de valores.

Ele afirma a necessidade do ensino de Religião, seja qual for, o que não pode haver é a falta dela no meio social, ou seja, ele acredita que o ensino ecumênico deve existir, porém deve existir também a influência do professor para que o aluno siga alguma crença. Acredita que a maior dificuldade do ensino religioso atual brasileiro seja a atitude de alguns professores quererem aplicar o proselitismo, ou seja mudar a concepção ou a fé de alguém a favor de uma determinada Religião. O que de fato é um complicado procedimento a ser desenvolvido pelos professores a fim de melhorar o ensino religioso.

Foi questionado sobre a principal função da Religião no mundo, e respondeu enfaticamente que é encontrar respostas para a sua existência.

Levar os homens a perceberem que o fundamento da realidade visível é uma outra realidade muito mais real e verdadeiramente duradoura, da qual resultam princípios éticos estáveis e incondicionados ao arbítrio e à opinião das pessoas. A religião deve ajudar ao homem a encontrar as verdadeiras e satisfatórias respostas para o problema da própria existência, do mundo, do outro, remetendo-o a uma referência absoluta.

Quando questionado sobre o preconceito que existe contra alguns dogmas religiosos, afirmou que incontestavelmente isso se deve a influência relativista que existe na sociedade atual. Completa que existe preconceito em tudo que é ou pareça fixo, definitivos, inquestionável, que os dogmas são ações de Deus, não podendo ser descoberto pelo esforço racional, lógico, ou comprovado empiricamente, disse que para aquele que não crê, não existe sentido para os dogmas.

Demonstra sua total discordância com o relativismo, com as teorias científicas que conflitam com a Religião, afirma, porém, que existe sim uma relação entre a Ciência e a Religião, que ambas são inerentes a Deus, e servem para explicar a existência humana.

De modo geral, na sociedade atual, dominada pelo relativismo, há preconceito e oposição a tudo que seja ou pareça fixo, definitivo, inquestionável. O dogma é uma verdade de fé revelada por iniciativa de Deus e não descoberta pelo esforço racional, por isso não cabe em esquemas lógicos ou provas empíricas. Só se dá assentimento a um dogma, portanto pela fé. Para quem não crê, são coisas que, mesmo sendo reais, verdadeiras e divinas não fazem sentido.

Sobre a Ciência afirma que assim como existem guerras entre religiões também existem divergências na Ciência, “Os fundamentalismos são sempre males em qualquer campo de discussão. Assim como existe o pietismo e o fideísmo o cientificismo é tão presente quanto.”

Em se tratando da relação que existe entre Religião e Ciência ele utiliza as palavras de João Paulo II para responder:

Respondo com um trecho do primeiro parágrafo de uma encíclica do papa João Paulo II que trata exatamente sobre as relações entre razão e fé (fides et ratio):
‘A fé e a razão (fides et ratio) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e,

em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio”

Como foi visto anteriormente, um dos principais problemas encontrados para conseguir um bom desenvolvimento religioso é a falta de profissionais capacitados para tal função, profissionais que conheçam os pontos fracos da Religião e os fortaleça. Sobre esse assunto, o Padre também concordou que existe uma necessidade de preparo e capacitação humana, que sem um bom profissional para repassar os conteúdos religiosos aos alunos, possivelmente os objetivos do ensino religioso não serão atingidos.

Resumindo-se, é visto que a opinião do padre condiz com a pesquisa em questão, pois ele sabe que realmente o ensino religioso é carente de mudanças; porém enfoca sua importância essencial para a vida das pessoas, e também, em se tratando da relação entre os dois ensinos, afirma que realmente eles se complementam pois ambos servem para ajudar os seres humanos em compreenderem a si próprios.

4.2 A visão de cientista Doutor em Física

Entrevistou-se um professor da Universidade Estadual do Ceará, doutor em Física. Utilizou-se o mesmo critério de elaboração das perguntas que foram feitas ao padre, porém mais voltadas para o ensino científico.

Primeiramente, foi questionado sobre qual a função da Ciência na vida em geral das pessoas, e ele respondeu que a Ciência veio para facilitar, para dar praticidade a nossas ações vitais e não vitais; fez uma analogia utilizando a água e a comida, que para poderem ser ingeridas sem bactérias e vermes, precisam de processos descobertos e aplicados pela Ciência, que descobriu e descobre muitas outras coisas que vieram para facilitar a vida da sociedade. “(...) A Ciência é feita para as pessoas viverem felizes (...)”

Perguntado em relação ao ensino científico atual se este sofre influência da aplicação do ensino religioso nas escolas ele afirmou que o ensino hoje depende muito de cada uma das escolas, pois as confessionais (que utilizam o ensino religioso em sua grade) diferenciam-se das usuais (que não contém a disciplina de ensino religioso). Segundo ele, nas escolas em que existem aulas de Religião, o ensino científico não é levado tão a sério, pois

O ensino científico brasileiro em sua atuação depende muito do tipo de escola em que está inserido. Pois sabemos que existem as escolas confessionais e as usuais. As confessionais admitem o ensino religioso católico em geral, nestas escolas o ensino científico não é levado tão a sério, pois os professores permitem colocar aspectos de religião em conflito com aspectos que são científicos, e esses científicos são estabelecidos.

Sobre o ensino religioso, ele afirma que segundo os parâmetros curriculares nacionais, deve constituir em um ensino geral, sobre todas as religiões que existem no mundo, como o Budismo, Taoísmo, Islamismo dentre muitas outras e que se fosse aplicado o ensino religioso como deveria ser teria que conter todas as bases dessas religiões; porém, os professores não possuem formação acadêmica para isso na maioria das vezes.

Segundo Os parâmetros Curriculares Nacionais o ensino religioso deve ser geral, sobre todos os aspectos de todas as religiões, e não só da religião católica, e isso não acontece em lugar algum do Brasil. Até porque as pessoas não têm formação, nunca vi um professor católico estudar Budismo, Taoísmo, Bramanismo ou Islamismo, para fazer comparações.

Sobre as principais dificuldades do ensino científico brasileiro, ele cita a falta de investimento na área do ensino, investimentos não só de estrutura física, mas também dos recursos humanos. Afirma que a divulgação da Ciência na televisão, no

rádio, serviria também como impulso para a Ciência, cita também que deveria ser investido mais em bibliotecas, faz uma comparação com o número de bibliotecas que existem em uma cidade com o número de igrejas e capelas, que são consideravelmente maiores.

Dificuldades no ensino científico são a falta de investimento, não só em infraestrutura, mas em Recursos Humanos também, deveria haver uma grande ênfase em divulgação científica também, em termos de programa de televisão, programa de rádio, mais publicações de livros, mais leitura científica, mais bibliotecas nas cidades, no interior por exemplo é grande a diferença entre a quantidade de Igrejas ou Capela e de Bibliotecas e o investimento que cada uma recebe.

Ele demonstra a sua insatisfação com os governantes brasileiros quanto a investimentos em educação. Faz uma analogia com os Estados Unidos, que logo após a segunda guerra mundial investiram bastante em educação e hoje são praticamente donos da tecnologia em geral, principalmente de celulares e computadores. Já o Brasil é conhecido pelos seus produtos agrícolas produzidos.

Esses aspectos são de longo prazo, foi o que os Estados Unidos fizeram logo após a segunda guerra mundial, não é à toa que hoje são donos das grandes tecnologias, de celular, de armas, tecnologia espacial, de carros, computadores, e tudo isso nós compramos, enquanto que vendemos laranja, carne, frango. O Brasil não vende tecnologia.

Perguntado sobre a distinção entre Ciência e Religião, se realmente são opostas ou se são as pessoas que não sabem relacioná-las, ele afirma que ambas possuem suas especialidades e função para o homem.

A Ciência como já foi visto é algo que resolve os problemas práticos, podemos definir como algo que está fora do nosso corpo, nele existem as doenças do corpo e da mente. As

doenças do corpo a Ciência resolve, mas como você irá tratar as doenças da mente? elas podem atrapalhar, como a depressão que acontece por meio de uma ideia. Para estudar o cérebro e saber como ele funciona existe a neurociência, que pode ser desmembrada em outros pontos em relação ao comportamento como a psicologia, a psicanálise. Mas também existem problemas que as vezes a Ciência para algumas pessoas, não pode resolver. Porque os problemas da cabeça têm gente que chama de problemas de espírito. As pessoas as vezes tentam resolver esses problemas de outra maneira, indo para a Igreja, rezando, deixando de aprender [...]

O ponto em comum entre Ciência e Religião é a busca pela felicidade, segundo ele, que ambas tratam isso, porém as duas de modos diferentes, e dependendo da situação têm seus lados negativos, onde a Religião impõe regras às pessoas para terem essa felicidade, o que não é bom, pois todos temos o direito de liberdade. Já a Ciência com suas descobertas e pelo mal uso dos homens podem causar guerra e destruições.

As duas teoricamente buscam a felicidade, porém o problema é como se busca felicidade, a Religião te impõe uma série de regras para atingir a felicidade e a Ciência não tem regras, porém acaba gerando consequências, por exemplo guerras. Se ela não tivesse descoberto Física nuclear a bomba não teria sido feita. Isso reflete uma discussão mais filosófica, será se isso é culpa da Ciência ou é o homem que faz o mal uso dela? Mas o seu objetivo básico é querer fazer as coisas para vivermos bem.

Pelo que foi visto, percebe-se que a opinião dele também condiz com as teorias abordadas neste trabalho, que em geral exprimem a importância de ambas as áreas, ambas as teorias, e, mesmo que opostas, são essenciais para a sociedade.

4.3 Relação entre os pontos de vistas

O Padre e o Professor possuem algumas ideias conflitantes; porém possuem alguns pontos de vistas parecidos em relação ao tema. Os dois demonstram que observam os pontos negativos e positivos da Ciência e Religião como algo mutáveis, que no decorrer dos anos os homens transformam tornando-as muitas vezes ruins para a humanidade, no caso, por exemplo da utilização de bombas atômicas nas guerras a partir da Ciência, e das crenças muitas vezes preconceituosas e violentas de algumas religiões como o Islamismo.

Outro ponto em comum é o fato de observarem as duas áreas como pontos de procura pela felicidade, pela vida melhor. Afirmam serem a Ciência e a Religião os precursores da felicidade humana, cada uma com suas funções. No caso da Ciência, esta procura melhorar o lado prático da vida, as tarefas do cotidiano pela tecnologia. Já a Religião cuida do lado espiritual, melhorando a mente, as relações sociais.

Quando perguntados sobre a principal dificuldade do ensino religioso ser totalmente laico como deveria, responderam igualmente ser por falta de preparação acadêmica dos professores de Religião, que deveriam ser mais capacitados.

A maioria das questões abordadas possui ideias similares; porém cada um procura defender sua área com mais argumentos. Houve discordância na opinião deles em relação ao papel da Religião, pois o Padre afirma que a principal função da Religião no mundo é descobrir respostas para a sua existência, enquanto o Professor discorda afirmando que este é o papel da Ciência, que proporciona o entendimento da vida, de como e por que surgimos. Ele afirma ser a Religião apenas uma ajudante da mente, do espírito, e não das coisas práticas do mundo em geral.

CAPITULO V

CONCLUSÃO

Percebe-se, após o que foi abordado, que o ensino religioso é importante para o aluno, tanto na vida escolar como social, pois promove um conjunto de conceitos e de preceitos básicos de boa convivência social, de bons atos, que estruturam a pessoa a ter um melhor desempenho como ser humano. Porém, para que o ensino não infrinja nenhum preceito ético, deve ser explicado de forma concisa, clara e por profissionais que saibam promover um ensino laico e não confessional, não devendo intervir no contexto do ensino científico e sim tentar o contrário, agregar valor ao mesmo, pois ambos os ensinos são determinantes para um bom desempenho da pessoa em sua vida. Ao analisarem-se as entrevistas realizadas ao cientista e ao padre, infere-se que ambos acreditam na ligação positiva entre a Ciência e a Religião, que, porém, existem muitas barreiras entre ambas que precisam ser ajustadas. No ensino, relatam que mudanças urgentes são necessárias. O cientista afirma que em escolas onde existem aulas de Religião, o ensino de ciências é prejudicado, devido a sua forma teológica de ensino, que não utiliza a laicidade como deveria ser, além da má formação intelectual do professor de Religião, e de problemas estruturais, como materiais didáticos, fontes alternativas de metodologia, entre outros. É evidente a necessidade de mudanças em nossa estrutura de ensino, para que esta relação harmoniosa de Ciência e Religião possa existir na sala de aula. Para isso, os profissionais de educação tanto de ciências como de Religião devem procurar mais ensinamentos e técnicas de como tratar os dois assuntos em sala, sem agredir nenhuma teoria, a escola deve procurar cada vez mais diminuir as barreiras existentes entre as duas áreas a fim de proporcionar um melhor entendimento do aluno. Percebe-se também através dos estudos feitos que o professor deve procurar unir teoria à prática tanto na área de Ciências como de Religião, o que não é um papel muito fácil, pois os alunos na maioria das vezes não conseguem relacionar o papel da teoria com o que vai ser utilizado na prática.

Todo conhecimento é válido, e a formação social é tão importante para o aluno quanto embasamento teórico. O aluno já não é mais apenas um receptor estático de informações; a função da escola é acima de tudo educar e não apenas transmitir informação, educar no sentido de promover a vida em sociedade, de assimilar preceitos que serão aprendidos na escola e levados para o decorrer da vida. Não se pode apenas imaginar que o ensino religioso é uma catequização, muito menos que ela contradiz o que foi provado teórica e experimentalmente pela Ciência. A união entre os ensinamentos transmitidos por ambas é muito construtiva e não deve ser utilizada como pontos opostos que geram contradição na mente do aluno; nada é mais plausível na educação do que manter no aluno a sede do saber em várias vertentes do conhecimento humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O buraco da fechadura.** Disponível em :<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0906200209.htm>> acessado em 3 de janeiro de 2015 à 10 h e 30 min.

ALVES, Rubem. **O que é Religião?** São Paulo: Ars Poética, 1996

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus.** Companhia das letras, 2001, São Paulo.

ARTIGONAL. **O que é o ensino Religioso?** Disponível em <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-que-e-ensino-religioso-709662.html> acesso em 04 de Janeiro de 2015, às 15h30min

AUSUBEL, David Paul, NOVAK, Joseph e HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1980

AZEVEDO, F. Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. In: **A educação entre dois mundos.** São Paulo: Melhoramentos,s/d. p. 68.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores-** São Paulo: Arte & ciência, 1998.

BBC. **Católicos no Brasil são 155 milhões, estima Vaticano.** Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070405_vaticanoestatisticas_pu.shtml> Atualizado às: 09 de abril, 2007 - 07h44 GMT (04h44 Brasília) Acesso em 29 de março de 2015 às 16 h e 40 min.

Bíblia de Estudo das Profecias, Editora Atos e Sociedade Bíblica do Brasil, Belo Horizonte e Barueri, 2001.

BLOOM, Benjamin. et al. Taxonomia de objetivos educacionais – domínio cognitivo. Globo: Porto Alegre, RS, 1997.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 1934

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96.** Brasília : 1996.

BRONOWSKI, J. **Ciência e valores humanos**. Trad. Alceu Letal. São Paulo: EDUSP, 1979

CATÃO, Francisco A. C. **A Educação no Mundo Pluralista: por uma Educação de Liberdade**. São Paulo: Paulinas, 1993.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1998.

CNBB, Estudos da CNBB – 49 Coleção “**Estudos da CNBB**”

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2006.

COMCIENCIA. **O ensino religioso ameaça o conhecimento científico?** Disponível em <http://www.comciencia.br/200407/reportagens/02.shtml> Atualizado em 10 de julho de 2004 Acessado em 12 de fevereiro de 2015 às 13h e 45 min.

CURY, C. **Ensino Religioso e Escola Pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil**. In: Educação em Revista. n. 17, p. 20-37, jun. 1993. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n17/n17a04.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

DAVIES, Paul. **A Mente de Deus**; Ediouro; Rio de Janeiro; 1994;

DAWKINS, Richard. **Deus Um Delírio**; Companhia das letras, tradução: Ravagnani, Fernanda, 2007.

ERIKSON, E.H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, Maria Madalena S. Afinal. **O que é o Ensino Religioso? Sua identidade própria em contraste com a Catequese**. São Paulo: Paulus, 2000.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **Ensino Religioso: Perspectivas Pedagógicas**. 2ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995. (Coleção ensino religioso escolar. Série Fundamentos).

FONAPER. **Parâmetros Curriculares nacionais do Ensino Religiosos**. Disponível em <http://www.fonaper.com.br/documentos_parametros.php> acesso em 29 de março de 2015 às 14h e 30min

FREIRE, P. A pedagogia do oprimido. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GLOBO. **Ensino Religioso Obrigatório Em 49 De Escolas Públicas Contra Lei**. Brasil: 1996 – 2013. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/educacao/ensino-religioso-obrigatorio-em-49-de-escolas-publicas-contra-lei7928028#ixzz2OnCNetow>> Acesso em 02 de janeiro de 2015 às 13h e 45 min.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* Trad. Frank Usarski. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005.

HAWKING Stephen W. **"A Brief History of Time:From the Big Bang to Black Holes**. Gradiva. Lisboa, 1998

JOÃO PAULO II. **Discurso ao Corpo Diplomático** (12 de Janeiro de 2004), 3: L'Osservatore Romano, ed. em Português, 17 de Janeiro de 2004, p. 7

JORNAL DE NOTÍCIAS. **Religião Galileu aproxima a Ciência e a Fé**. Disponível em<http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=1249187#AreaComentarios>, atualizado em 31 de maio de 2005. Acessado em 12 de janeiro de 2015 às 11 h e 50 min.

KRASILCHIK, M. e MARANDINO, M. **Ensino de ciências e cidadania**. São Paulo: Moderna, 2004.

MADURO, Otto. **Religião e luta de classes**. 2.ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MAHNER, M. & Bunge, M. 1996. **Is religious education compatible with science education?** Science & Education 5(2):101-123.

MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MATTHEWS, M. R. 1994. **Science Teaching**. New York:Routledge.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Unb, 1999a. 129p.

PASSOS, João Décio. **Ensino Religioso: construção de uma proposta**. São Paulo: Paulinas, 2007.

P. C. W. Davies.**The Anthropic Principle**. in Particle and Nuclear Physics (1983)

PAIVA, José Maria de. Igreja e Educação no Brasil Colonial. In.: STEPHANOU, Maria & BASTOS Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil, Vol.1 Séculos XVI-XVIII**. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de ciências naturais**. Brasília 1998 Disponível em<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>> acesso em 22 de novembro de 2014, á 14h e 30min

PECORARO, ROSSANO. **Nihilismo e pós-modernidade**, Rio/São Paulo, PUC/Loyola, 2005

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes : Petrópolis, 1996

POPPER, K.R. **Objective Knowledge**. Oxford, Clarendon Press, 1972.

PORLÁN, R.; RIVERO, A.; MARTÍN DEL POZO, R. **Conhecimento profissional e epistemologia de professores II: estudos empíricos e conclusões**. Educação de Ciências, v. 16, n. 2, p. 271-289, 1998

RAMOS, L. S.; ANTUNES, F.; SILVA, L. H. A concepção de professores de Ciências sobre o Ensino de Ciências. Revista da SBEnBio, n. 3, p. 1.666-1.674, out. 2010.

SAGAN, CARL **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. SÃO PAULO: SSHWARCZ

SANTOS, Silvana Fortaleza dos. **O Perfil do professor de ensino religioso da educação infantil e anos iniciais**. PUC/PR. 2007

SAVIOLI, R. M. **Fronteiras da Ciência e da fé**. São Paulo: Gaia, 2006.

SCIENCE, Cognitive. **Judgments About Fact and Fiction by Children From Religious and Nonreligious Backgrounds**. Kathleen H. Corriveau¹, Eva E. Chen² and Paul L. Harris³. 03 de Julho de 2014. DOI: 10.1111/cogs.12138

SILVA, Clemildo A. RIBEIRO, Mario B. **Intolerância religiosa e direitos humanos**. Porto Alegre: Editora Sulina, Editora Universitária Metodista, 2007.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Por uma epistemologia do Ensino Religioso. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo. vol. 1-19. 2009. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_soares.htm. Acesso em: 22 de janeiro de 2015

STIGAR, ROBSON- Justificativa do Projeto de Lei criado em 2011 que alterou o art. 33 da Lei 9394/96) do Deputado e Pastor Marco Feliciano

STORT, E.V.R. **Cultura, imaginação e conhecimento: a educação e a formalização da experiência**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

SUPER INTERESSANTE. **Deus existe?** José Augusto Lemos. Ed. de Janeiro de 2001. Disponível em < <http://super.abril.com.br/ciencia/deus-existe-441875.shtml>> Acesso em 28 de dezembro de 2014 às 12 h e 40 min.

UOL. **O Buraco da Fechadura**. Ruben Alves. São Paulo: ed. de domingo, 09 de junho de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0906200209.htm>.> Acesso em 27 de janeiro às 13 e 20h.

VATICANO. www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/.../index_po.htm, acesso em 04 de fevereiro de 2015

VEDA, Rig. **Nasadasiyasukta**. Hino 129 do livro X. Tradução feita por Roberto de Andrade Martins, em: O Universo. Disponível em <<http://www.ghtc.usp.br/Universo/intro.html>> acesso em 23 de dezembro de 2014.

WATTS, Fraser. 1997 “Are Science and Religion in Conflict?” *Zygon*, 32: 125-39.

WEIZSÄCKER, Von. CF de 1964. **A relevância da ciência**. Nova York: Harper and Row.

WHITE, Andrew. **A History of the Warfare of science and theology in Christendom**, Nova York. 1896.

